

**POR UMA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA DE RUBEM ALVES. INVESTIGANDO
AS CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS DA OBRA COM OS ALUNOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

MARIANA MATTOS MANHÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO
CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ
JANEIRO - 2016

**POR UMA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA DE RUBEM ALVES. INVESTIGANDO
AS CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS DA OBRA COM OS ALUNOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

MARIANA MATTOS MANHÃES

"Monografia apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Química."

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosana Giacomini

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO
CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ
JANEIRO - 2016

**POR UMA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA DE RUBEM ALVES. INVESTIGANDO
AS CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS DA OBRA COM OS ALUNOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

MARIANA MATTOS MANHÃES

"Monografia apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Química."

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Cibele Maria Stivanin de Almeida
LCQUI/UENF

Profa. Ma. Josimary dos Santos Cordeiro Soares
SEEDUC – C.E. 15 DE NOVEMBRO

Profa. Dra. Rosana Giacomini
LCQUI/UENF - orientadora

DEDICO

Com muita alegria
e amor, a Deus, minha
mãe Vera, minha irmã e
meus queridos sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Hoje, vivo um momento que foi planejado há 5 anos atrás, um momento muito esperado, foi preciso muito esforço e determinação para chegar até aqui, mas uma coisa é certa, não conseguiria sozinha. Por isso minha eterna gratidão a todos aqueles que colaboraram para esta realização.

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar fôlego de vida, sabedoria e saúde para superar todas as dificuldades encontradas ao longo deste caminho, sem Ele eu não teria conseguido.

A minha família, a minha mãe Vera Mattos que sempre me motivou, me estimulou e me acalmou durante a caminhada, ao meu pai, que no início me levava e buscava de moto com toda paciência do mundo e a minha irmã pelo apoio.

A Felipe Rocha, por toda paciência, compreensão e carinho, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos difíceis ao longo dessa grande jornada.

Essa trajetória sem amigos também não seria fácil, então meu muito obrigado a todos vocês, com quem pude compartilhar meus nervosismos em períodos de provas, desespero de relatórios e vários momentos inesquecíveis de cumplicidade e companheirismo. Agradeço a Deus por ter colocado em meu caminho pessoas como, Fernanda Braga, Sthefanny Almeida, Laysa Lannes, Aminthia Pombo e Isaac Boechat que estiveram sempre presentes me dando aquele incentivo. Valeu por tudo! Pelos papos, pelas risadas e pelas horas de estudos.

Agradeço ainda a Karine Rodrigues, Luana Hespanhol e Julha Carla que sempre compreenderam a minha ausência e me sustentaram em oração.

A minha orientadora, Rosana, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e orientações. Muito obrigado por acreditar em mim!

Também sou grata a todo corpo docente, que de forma direta e indireta, participaram da minha formação acadêmica, contribuindo para meu crescimento profissional, em especial, ao coordenador Sérgio Luis Cardoso que sempre lutou pela melhoria do curso.

EPÍGRAFE

“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação de sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” Rm 12.2

RESUMO

A educação brasileira tem em Rubem Alves, um de seus mais importantes pensadores, pois toda a sua obra, permeada de reflexões e mensagens, parábolas e poesia, está voltada para a educação e a formação de professores humanistas. Introduzimos este trabalho apresentando um pouco da história de Rubem Alves por meio de uma breve biografia. Na sequência, escolhemos o livro *Por uma Educação Romântica*, com o intuito de analisar algumas crônicas que falam de uma escola que prioriza a liberdade, a sensibilidade, a natureza, o respeito ao semelhante e a humanização e que colaboram na formação de professores mediadores e humanizados. A partir de um olhar crítico-reflexivo sobre a obra, investigamos a opinião, de forma qualitativa, dos alunos da disciplina de estágio supervisionado do curso de licenciatura em química na UENF, sobre as possibilidades de aplicar os pensamentos de Rubem Alves na prática docente dos professores de Química.

Palavras-chave: Educação romântica, Rubem Alves, crônicas, formação de professores de Química.

ABSTRACT

The Brazilian education has Rubem Alves like one of the most important thinkers, because all his work, permeated with reflections and messages, parables and poetry, is focused on education and training of humanist teachers. This work starts with some history about Rubem Alves through a short biography. In the next topic, the book "As a Romantic Education" was chosen, in order to analyze some chronicles that speak of a school that emphasizes freedom, sensitivity, nature, respect for the equal and humanization and collaborate in the training of mediator teachers and humanized. From a critical and reflective look about his work, we investigated the opinion, in a qualitative way, of the students of supervised internship discipline of undergraduate course in chemistry at UENF about the possibilities to apply the thoughts of Rubem Alves in the teaching practice of Chemistry teachers.

Keywords: romantic Education, Rubem Alves, chronic, training chemistry teachers.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	53
----------------	----

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	RUBEM ALVES: A TRAJETÓRIA DE UM FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO – VIDA E OBRA	14
3	REFERENCIAL TEÓRICO	22
	3.1. A visão de Rubem Alves sobre educação	22
	3.2 O que dizem de Rubem Alves como educador	27
4	OBJETIVO GERAL	31
	4.1 Objetivos específicos	31
5	METODOLOGIA	32
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
	6.1 Análise das crônicas	37
	6.1.1 Gaiolas ou asas?	37
	6.1.2 O olhar do professor	39
	6.1.3 O canto do galo	41
	6.1.4 Um discreto bater de asas de anjo	43
	6.2 Análise das linhas de pensamento identificadas pelos alunos do estágio supervisionado do curso de licenciatura em Química da UENF. ..	45
	6.2.1 A importância do professor e de seu olhar na vida do aluno	45
	6.2.2 A valorização do conhecimento útil.....	46
	6.2.3 Escolas que são asas: Liberdade de pensamento onde ocorre o desenvolvimento do pensamento crítico.....	47
	6.2.4 Valorização da relação professor-aluno onde a afetividade é o elemento essencial no processo ensino-aprendizagem	49
	6.2.5 Reconhecimento das várias formas de inteligência	50
	6.2.6 A interdisciplinaridade.....	51
	6.2.7 O ensinar a ver	51
	6.2.8 Professor x Educador	52
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
	ANEXOS	59
	ANEXO 1 – OBRAS DE RUBEM ALVES.....	60

ANEXO 2 – SELEÇÃO E TRANSCRIÇÃO DAS CRÔNICAS DA OBRA POR UMA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA.....	64
---	----

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história do educador Rubem Alves e, em particular, da sua obra *Por uma Educação Romântica*, está marcada pelo romantismo e pela dissintonia com a pedagogia tradicional, uma vez que ele não escreve de forma acadêmica. Este fato dificulta a compreensão e o reconhecimento acadêmico das propostas inclusas nas suas obras. Rubem Alves faleceu há pouco mais de um ano, em 19 de julho de 2014. Entretanto, nesta pesquisa iremos nos referir a ele no presente tempo, visto que consideraremos Rubem Alves como um personagem imortal da sua obra.

Vale ressaltar que antes de educador, Rubem Alves é teólogo, pastor, psicanalista, filósofo e escritor e a forma como ele escreve a sua proposta pedagógica o aproxima de um contador de histórias, que dialoga com os desafios encontrados e experiências vivenciadas. O educador dá grande importância a experimentação e a observação do mundo que está ao redor.

Rubem Alves critica, quase sempre de forma irônica, o sistema educacional, a rigidez das escolas, a postura dos professores, o ensino excessivamente conteudista e fala que as escolas contemporâneas são imensamente burras porque não propiciam aos alunos as condições necessárias para uma verdadeira aprendizagem. Ele acredita que a Pedagogia educa, constrói um novo homem e imortaliza o educador, pois ensina a pensar e a criar. Para ele, a pedagogia é infinita, a educação ocorre à medida que se descobre, experimenta novas coisas. Em uma das crônicas do livro analisado nesta pesquisa, que veremos com mais detalhes no decorrer do trabalho, o escritor compara a escola com gaiolas que prendem os alunos e impedem a vivência necessária para a construção dos saberes.

Em sua obra, o educador-filósofo não considera a educação, a escola, os professores, os alunos, a sociedade e o ser humano pelos mesmos paradigmas usados por muitos educadores. O olhar de Rubem Alves é diferenciado, é apaixonado e sonhador. Ele julga a vida, a educação, a escola, os professores, os alunos, a sociedade, ou seja, o ser humano por meio da antropologia do corpo. As situações nas quais o corpo é colocado a frente é elemento principal do mundo observado e experimentado pelo ser humano a que Alves chama de dimensão simbólica do homem. Para ele, o prazer, as

emoções e as sensações são muito importantes para o ser humano e devem estar envolvidos no processo da aprendizagem.

Nos últimos anos, vários estudos (REBLIN, 2014; BRASIL, 2013; BARBOSA, 2008), têm sido feitos sobre os princípios, motivações e formas de abordar a educação contemporânea, baseados nos pensamentos de Rubem Alves.

O presente trabalho tem por objetivo central, questionar e explicitar as contribuições e perspectivas da obra *Por uma Educação Romântica*, no cenário da educação contemporânea brasileira, focalizando a análise das crônicas.

Não há como deixar de abordar neste estudo, as perspectivas do pensamento de Rubem Alves, o seu ponto de vista da educação contemporânea e suas aspirações. Desta forma, a intenção das análises que serão realizadas ao longo dos capítulos é discutir a dissintonia e as contribuições da obra, que de fato, em alguns casos, se torna um pouco difícil diante do modo na qual ela foi escrita, fragmentada, por meio de pequenas crônicas, quase sempre de forma poética e de caráter literário, visto que na academia estamos acostumados a textos pedagogicamente científicos e de linguagem tecnicista. Porém, as discussões que serão realizadas, intencionam apresentar caminhos que possam levar a utilização da sua proposta pedagógica e as limitações da mesma para a educação contemporânea. E ainda, a possibilidade de aplicabilidade de uma educação puramente romântica na realidade das escolas brasileiras. Os questionamentos serão feitos em relação ao atual sistema de ensino.

Inicialmente abordarei a apresentação da sua trajetória de vida, o percurso profissional e o desfecho da sua obra. Em um segundo momento da pesquisa, faremos uma investigação da literatura sobre trabalhos publicados na última década que relatam obras de Rubem Alves, para ter como nosso referencial teórico.

Para finalizar, centrarei a obra *Por uma Educação Romântica*, dando especial atenção em algumas crônicas que foram selecionadas para o aprofundamento do debate que envolveu os alunos da disciplina do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da UENF.

2 RUBEM ALVES: A TRAJETÓRIA DE UM FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO – VIDA E OBRA

Esse capítulo inicial tem por objetivo apresentar Rubem Alves como um pensador que levantou questões importantes acerca do homem contemporâneo, da Educação, das Ciências em geral e, sobretudo, dos educadores como atores que circulam no cenário escolar.

Mostrar Rubem Alves, como um filósofo que questiona o modelo tradicional de educação, é apontar para as múltiplas possibilidades de uma educação capaz de valorizar o “humano”, categoria central de suas crônicas, contos e histórias, repletas de reflexões, buscas e críticas, todas elas reveladoras de um pensamento, que tem na vida e nas práticas cotidianas, a sua maior ferramenta para a aprendizagem de saberes.

Rubem Alves é considerado um dos grandes intelectuais da atualidade, estando entre os mais respeitados escritores brasileiros. Nasceu em quinze de setembro de 1933, na cidade mineira de Boa Esperança, localizada no Estado de Minas Gerais, onde viveu com seus pais durante a infância e passou por turbulentos períodos de crise financeira familiar. Em seu livro *Por uma Educação Romântica* ele relata: “Meu pai era rico, quebrou, ficou pobre. Tivemos de nos mudar. Dos tempos de pobreza só tenho memórias de felicidade.” Creio que a felicidade de Rubem veio da sua grande habilidade de percepção do mundo ao seu redor, ele sente prazer em observá-lo, gosta de descobri-lo e faz dele o seu maior e melhor brinquedo. O que pode ser observado no seguinte trecho do mesmo livro:

Tive vontade de abraçar aquela árvore, de comer as suas flores. Fiquei agradecido por ser a natureza coisa tão maravilhosa, sagrada!... para mim, os ipês são um assombro, beleza, alegria, revelação do mistério do universo. (ALVES, 2002)

Nessa época, ainda menino não fazia comparações e quando a situação financeira de sua família melhorou, foram para o Rio de Janeiro, em 1945. Seu pai o matriculou em uma boa escola e foi a partir daí que sua infelicidade começou. Ainda menino, se sentiu solitário, inferior e diferente das outras crianças, pois era muito tímido e vivia sentindo falta do lugar em que nasceu. O sotaque mineiro foi motivo de chacota entre seus colegas cariocas que, por

fim, resultaram em seu isolamento e grande solidão, levando-o a encontrar refúgio na religião. Dizia Rubem Alves: “religião é um bom refúgio para os marginalizados”.

No período de 1953 a 1957 estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP). Na ocasião, conheceu o professor Richard Shaull e sua visão de mundo crítica em relação à missão das igrejas na sociedade. O professor fez Rubem Alves enxergar os problemas sociais de outra forma, voltando-se para a análise das relações entre religião e sociedade, fé e política. Pregava uma igreja que saia dos muros da congregação indo ao encontro de quem precisava e vivia uma vida oprimida. Ele despertou também o questionamento do evangelho de uma maneira diferenciada marcado pela correlação constante entre a mensagem cristã e a situação humana. Este professor teve grande influência na concepção filosófica que Rubem seguiu e seu posterior abandono da Igreja Presbiteriana.

Nesse processo de mergulho no Evangelho, tornou-se pastor em 1958 de uma igreja presbiteriana em Lavras, no interior de Minas onde exerceu suas funções até 1963. Lá ele era um grande conselheiro das pessoas.

Em 1959, ele se casou com Lídia Nopper com quem teve três filhos, Sérgio (1959), Marcos (1962) e Raquel (1975).

Em 1963 foi estudar em Nova York, retornando ao Brasil em maio de 1964 com o título de Mestre em Teologia pelo Union Theological Seminary tendo defendido o trabalho intitulado “A theological interpretation of the meaning of the Revolution in Brazil”.

Rubem Alves chega ao Brasil um mês depois do Golpe Militar de 1964 e começa a aprender a conviver com o medo constante de ser pego pelos militares por ser um pensador. Na época, com pesar, teve de se desfazer de vários de seus livros e pouco tempo depois, sair da cidade. Foi denunciado pelas autoridades da Igreja Presbiteriana como subversivo e perseguido pelo regime militar. Na verdade, Rubem Alves com seu perfil de filósofo e a franqueza que caracterizava sua personalidade, era um questionador e, portanto, não aceitava os dogmas impostos pelo protestantismo e, como um humanista, o seu grande objeto de reflexões era o ser humano.

Enfim, foi perseguido pelos militares e abandonado pelas pessoas da igreja, irmãos, pastores e presbíteros levando-o a um grande sentimento de tristeza. Em 1965 abandonou a Igreja Presbiteriana e retornou com a família para os Estados Unidos. A United Presbyterian Church – EUA, Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América do Norte, em conjunto com o presidente de Princeton ofereceram a Rubem Alves o doutoramento, culminando, em 1968 com a titulação em Doutor em Filosofia (Ph.D.) pelo Princeton Theological Seminary onde defendeu a tese *Towards a Theology of Liberation*, publicada em 1969 pela editora católica Corpus Books com o título *A Theology of Human Hope* que, posteriormente, pela forma como analisa a questão religiosa, sua tese de doutorado é considerada como o marco inicial da Teoria da Libertação. Em uma de suas crônicas, Rubem Alves escreveu: “Eu achava que religião não era para garantir o céu, depois da morte, mas para tornar esse mundo melhor, enquanto estamos vivos”.

Ao retornar ao Brasil em 1969, como doutor em filosofia pelo seminário Teológico de Princeton nos Estados Unidos, Rubem Alves é convidado por Paul Singer, um renomado economista, para ministrar aulas de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Rio Claro no Estado de São Paulo. Nesse momento ele entra na Educação, para não sair mais, tornando-se um importante pensador do modelo de escola e de universidade existentes no país. Seus textos não são escritos de forma acadêmica, propositalmente, se contrapondo à pedagogia tradicional, mas com grande relevância, ao considerar a enorme bagagem de Rubem Alves como um estudioso, não só dos grandes filósofos, mas de sociólogos e pensadores que transformaram a história do pensamento na educação.

Sobre isto, a tese de Brasil (2013) comenta:

É em diálogo com Marx, Freud, Nietzsche, Agostinho, Vierkgaard, Wisttgenstein, Fernando Pessoa, Feurboch e outros, que seu humanismo vai sendo elaborado de maneira original e criativa. A preocupação central de suas reflexões está no desejo e busca de resgatar o homem, enquanto ser de desejos e sonhos, no interior da tradição filosófica ocidental e nas malhas de uma sociedade massificada, cujo princípio fundamental e primordial é a produtividade na qual o homem aparece como totalidade abstrata, ou mais que isso, como peça de uma grande engrenagem absolutilizante e totalitária.

Este recorte demonstra que ao longo de sua vida de estudos, Rubem Alves conheceu as obras dos grandes teóricos humanistas, e a partir da sua postura crítica diante desse acervo, passou a formular um pensamento próprio, que sempre teve o ser humano como objeto central.

Em 1973, ele começa a lecionar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde fez a maior parte da sua carreira acadêmica, até se aposentar nos primórdios da década de 1990. No ano seguinte de sua entrada na UNICAMP, 1974, ocupa o cargo de professor-titular e em 1980 de professor Livre-docente. Aposentado pelo Departamento de Filosofia e História da Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP, Rubem Alves recebeu em 1995 o título de professor emérito pela Universidade, distinção concedida a docentes que prestaram relevantes serviços à ciência e à instituição.

Ainda na UNICAMP, foi contemporâneo do célebre educador Paulo Freire no exercício da docência em Campinas, e teve como um de seus mais próximos amigos o educador Carlos Rodrigues Brandão.

Quando Paulo Freire ingressou na UNICAMP, Alves praticou um admirável ato de humildade perante Freire. Como Rubem Alves era o professor titular da época ele teria de recomendar, por meio de carta de recomendação, como ele mesmo disse, o ilustre pedagogo Paulo Reglus Neves Freire. Porém ele se recusa e diz: “ para isto seria necessário que o signatário do documento fosse maior que ele e o seu nome mais conhecido e mais digno de confiança que aquele sobre quem escreve”.

Entre os diversos feitos de Rubem Alves, também foi professor-visitante no Union Theological Seminary em 1971, foi eleito representante dos professores titulares junto ao Conselho Universitário, no período de 1980 a 1985, Diretor da Assessoria de Relações Internacionais de 1985 a 1988 e Diretor da Assessoria Especial para Assuntos de Ensino de 1983 a 1985.

No início da década de 80 torna-se psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise. Em 1984 começou o curso para formação em Psicanálise e teve sua clínica até 2004. Seu contato com os pacientes incrementou seu conteúdo que, transformados em palavras, compuseram diversas de suas crônicas sobre o cotidiano. Em 1988, foi professor-visitante na Universidade de

Birmingham, Inglaterra. Posteriormente, a convite da Rockefeller Foundation fez residência no Bellagio Study Center na Itália.

O extenso currículo de Rubem Alves ainda conta com inúmeras premiações entre as quais podemos citar: membro da Academia Campinense de Letras (ACL) em 1982, cidadão-honorário de Campinas em 1996. Recebeu a medalha Carlos Gomes de contribuição à cultura. Em 2003, o Prêmio PNBE - O educador que queremos; em 2009, Prêmio Jabuti - 2º lugar Contos e Crônicas e em 2012, recebeu o Eric Hoffer Award - Menção Honrosa e Excelência em publicação de religião *Transparencies of Etenity*. Publicou crônicas no Caderno C do Correio Popular e na Folha de São Paulo de 1990 até sua morte.

Além da vida acadêmica, também foi dono de um restaurante em Campinas (Restaurante Dali), que funcionou de 1990 a 2010 e fundou em 2012 o Instituto Rubem Alves, também em Campinas. “Juntar gastronomia e literatura num mesmo espaço era um dos desejos do escritor Rubem Alves” (SIQUEIRA, 2014). Assim, no dia 17 de dezembro de 2014, após 5 meses de sua morte, foi inaugurado o Café Bistrô Rubem Alves, fruto da parceria entre a Associação Cultural Campinas e o Instituto Rubem Alves. Tanto o restaurante como o Instituto pode ser visitados nos seguintes endereços:

Café Bistrô Rubem Alves - Rua Emílio Ribas, 476, Cambuí, Campinas, SP.

Instituto Rubem Alves – Rua José Antônio Pinto Borges, 48, Chapadão, Campinas, SP.

Se quisermos tentar definir Rubem Alves, talvez este pequeno texto seja uma boa tentativa:

Rubem Alves é um apaixonado pela vida. Afirma que ainda não escreveu todos os textos e todos os livros que traz no pensamento, ainda não sentiu, amou, brincou e riu o bastante, ainda não respondeu a todas as cartas e mensagens dos amigos, ainda não provou de todas as ausências e de todas as saudades, ainda não espreitou todos os mistérios do mundo e dele próprio... *"Eu não tenho medo de morrer... Só tenho pena. A vida é tão boa..."* (ALVES)

Rubem Alves é autor de mais de 150 obras (ANEXO 1). Além de livros com foco na educação também escreveu sobre temas do cotidiano, infantil e teologia. Seus textos, sejam crônicas, contos, histórias revelam o toque poético desse arquiteto da língua, que escreve de forma simples, mas que tem

narrativas que sensibilizam quem lê e penetra nos ditos e interditos de sua linguagem.

Entre algumas obras, podemos citar *Conversas sobre educação*, *Conversas com quem gosta de ensinar*, *Quando eu era menino*, *Por uma educação romântica*, *Amor que acende a lua* e *Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* como algumas de suas obras mais famosas.

Como ele era um cronista nato, cito agora as dez crônicas mais populares, *A pipoca*, *Cartas de amor*, *Escutatória*, *O batizado*, *O caqui*, *Saúde mental*, *Se é bom ou se é mal*, *Sobre política e jardinagem*, *Tempus Fugit* e *Tênis x frescobol*. (ALVES)

É o próprio Rubem Alves (2002) quem diz em texto autobiográfico:

Golpes duros na vida me fizeram descobrir a literatura e a poesia. Ciência dá saberes à cabeça e poderes para o corpo. Literatura e poesia dão pão para o corpo e alegria para a alma. Ciência é fogo e panela: coisas indispensáveis na cozinha. Mas poesia é o frango com quiabo, leite para quem gosta...

Essa forma de expressar ideias e questionamentos de maneira simples e com metáforas retiradas da cultura cotidiana, demonstra que o autor, revela seus pensamentos que, de certa maneira, mostra as críticas que ele fazia ao academicismo e a linguagem metodológica, formal e por vezes, ininteligível como ele próprio chegou a afirmar.

Apesar de ter se dedicado a educação e ter colocado a criança como tema central, as primeiras obras de Rubem Alves foram de cunho teológico e baseadas em muitos teólogos do século XX como, Rudolf Karl Butmann, Paul Johannes Oskar Tillich, Karl Rahner, Johann Baptist Metz além dos pensadores/profetos do antigo testamento. No início de tudo a sua obra tinha a construção do Homem Novo como enfoque. E sua inspiração poética, antropológica e revolucionária vêm dos profetas que pregaram a liberdade, o não conformismo com as estruturas sociais e confronto para a construção do novo homem.

Com o passar do tempo Rubem Alves continuou sendo influenciado pelos pensadores do princípio da sua formação e ele fez a seguinte relação entre os profetas e os educadores :

A opção dos profetas é pela defesa das viúvas, dos órfãos, estrangeiros e doentes. Sonham eles com um mundo de paz e harmonia. Onde todos possam viver bem. E ser felizes e viver em paz. Por tudo isso, os profetas são o mais alto e mais perfeito modelo de Educadores. Se os professores tivessem os profetas por modelos a educação seria outra e outros seriam os caminhos das sociedades modernas. (BRASIL, 2013)

As obras de Alves são arraigadas pelos pensamentos do filósofo Friedrich Nietzsche. Ele o chama de o filósofo mais querido e não cansa de elogiá-lo, reverenciá-lo e citá-lo em suas obras. Toda essa admiração pode ser atribuída ao fato de que Nietzsche também amava as crianças. Além disso, ele concorda com as críticas do filósofo a cultura moderna e com o valor da visão para a educação. Em seus livros ele cita inúmeros pensamentos de Nietzsche. Uma das frases muito utilizada por Alves é: “a primeira tarefa da educação é ensinar a ver”. Ambos, em suas obras, valorizam a forma como os professores vêem e tratam os seus alunos, para eles os estudantes tem que estar no centro.

Na perspectiva de Nietzsche e citada por Rubem Alves:

“Aquele que é um verdadeiro professor toma a sério somente as coisas que estão relacionadas com os seus estudantes – inclusive a si mesmo” (ALVES, 2003).

Com um comportamento de discípulo de Nietzsche, Alves diz:

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar com seus alunos. (ALVES, 1999)

Sua experiência como educador que exercitou a docência, fez com que ele pudesse refletir as questões educacionais a partir de uma preocupação central: a criança. É ele quem diz:

Eu penso a educação ao contrário. Não começo com os saberes. Começo com a criança. Não julgo as crianças em função dos saberes. Julgo os saberes em função das crianças. (ALVES, 2002)

Conforme palavras de sua filha, que após seu falecimento em 2014 passou a cuidar de sua obra, Rubem Alves amava a vida, as pessoas, seu

jardim, e gostava de estar em contato com a natureza. Viajou muito nos últimos dez anos, fazendo palestras por todo o Brasil e levando seus livros por onde ia.

Rubem Alves deve, por meio de sua obra, continuar contribuindo com a formação de professores e ilustrando os projetos de educação e as teses acadêmicas de caráter humanista.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A visão de Rubem Alves sobre educação

Penetrar no universo das obras de Rubem Alves, conhecendo seus contos, metáforas, histórias, parábolas, é mergulhar nos significados que ele sugere, com seu jeito próprio de dizer, de forma simples, o que está posto na realidade e no movimento da vida. Rubem Alves pode ser interpretado de várias maneiras, tais como: teólogo, filósofo, psicanalista, cronista, mas, sobretudo, pode-se dizer que ele é um apaixonado pela educação e que sua visão sobre ela vai além dos muros da escola.

Segundo ele:

Minha estrela é a educação. Educar não é ensinar matemática, física, química, geografia, português. Essas coisas podem ser aprendidas nos livros e nos computadores. Dispensam a presença do educador. Educar é outra coisa... O educador é um corpo cheio de mundos. (ALVES, 2002)

As ideias de Rubem Alves sobre a educação são feitas a partir do seu olhar crítico-reflexivo sobre os modelos educacionais que vigoraram no Brasil até os dias de hoje e que, de certa forma, atestam o fracasso do sistema para se produzir uma aprendizagem eficiente. Como ele próprio chegou a afirmar em várias ocasiões, a escola anula o desejo de conhecer e a fome de saber que todo ser humano tem.

Para se entender as propostas pedagógicas dele é preciso ter em mente os aspectos que ele valorizava no ato de educar e aprender. Rubem Alves sempre dá um grande valor ao corpo e a linguagem. (Brasil, 2013). Ele pensa a educação a partir da humanização, pois para ele, é preciso viver, sentir a beleza, a alegria, a liberdade que a capacidade de se deslocar e viajar no pensamento, que todo ser humano vivencia como uma dádiva de Deus.

Sobre essa questão central em suas obras, a educação, Brasil (2013) considera:

Rubem Alves pensa a vida, a educação, a escola, a sociedade, e o ser humano a partir da antropologia do corpo. Da corporeidade com primeira essência do ser humano e, portanto, elemento fundante do mundo percebido, vivido e sentido pelo ser humano a que ele denomina dimensão simbólica do homem. Nessa antropologia, a linguagem, o corpo, a esperança, o desejo e a beleza são elementos fundamentais.

Quando diz que as escolas aprisionam mentes e corpos, Rubem Alves fala com a propriedade de quem conhece a educação no Brasil e, sobretudo as salas de aulas onde as crianças são confinadas. Ao utilizar a metáfora da gaiola, em sua crônica “Gaiolas ou Asas”, ele tece importantes comentários sobre suas ideias de educação, considerando que há escolas que se parecem com gaiolas, que levam os pássaros a desaprenderem a arte de vôo e, por analogia, há escolas que impedem as crianças de pensar por si mesmas e produzirem a verdadeira aprendizagem.

Em contraposição, ele fala também das escolas que são “asas”, e que mostram uma forma diferente e humanizada de tratar as crianças, como os pássaros em vôo, que necessitam de coragem e, muitas vezes, de um leve empurrão de suas mães-pássaros para se lançarem no ar e voarem em busca dos espaços desconhecidos. Da mesma forma, o papel do educador é o de encorajar seus alunos a novos pensamentos, novos sonhos, em busca da aprendizagem ainda desconhecida.

O prazer de ir para a escola, de conviver com os colegas, de ter um espaço onde possam conversar com alegria, vivenciando suas dúvidas e compartilhando com os colegas e professores, são sentimentos que não combinam com autoritarismo, medo, desrespeito e violência. Para Rubem Alves, é urgente resgatar uma educação que invista no prazer de aprender, oportunizando que crianças e adolescentes sejam instigados a pesquisar, descobrir analisar vários pontos de vista para poderem construir seus próprios pontos de vista.

Rubem Alves busca no filósofo Nietzsche, inspiração para a fala que se segue e que retrata mais um ponto de sua visão sobre educação:

Nietzsche disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É a primeira tarefa, pois é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos tem que ser educados para que nossa alegria aumente. Os olhos das crianças não vêm a fim de... seu olhar não tem nenhum objetivo prático. Eles vêm porque é divertido ver. (ALVES, 2002)

Esse olhar sobre a realidade, por mais difícil e contraditório que ele seja, tem que ser sensível ao belo, e este se encontra nos pequenos detalhes, na natureza, na ingenuidade da criança que ri espontaneamente, pois é o olhar que desvenda os mistérios da vida e seleciona o que nos dá prazer.

Percebe-se nas crônicas de Rubem Alves que ele valoriza os sentidos, como se o conhecimento dependesse de uma pedagogia das sensibilidades, como aborda Wallon (1992) quando fala do papel da emoção e dos afetos na aprendizagem. Conforme enfatiza Rubem Alves (2002): “criança de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido, não aprende”.

Rubem Alves valoriza uma educação em que a leitura se constitua em grande e importante mediação para o “aprender a aprender”, pois tanto a leitura do mundo, do cotidiano, quanto as leituras dos textos e livros são fundamentais para as descobertas prazerosas. Percebe-se que o autor confere valor à educação que estimula a leitura-deleite, ou seja, o trabalho pedagógico com textos que encantam pela magia poética e por apresentar histórias interessantes.

Conforme sinaliza Reblin (2013): “a educação proposta por Rubem Alves revela uma perspectiva interdisciplinar”. Isto significa que a visão cartesiana dos currículos escolares é rejeitada, em nome de uma educação humana, criativa, centrada na liberdade de pensamento, cujos parâmetros não estão engessados por conteúdos fechados, mas sim pelo interesse e pelos temas que levam os alunos à descoberta de saberes que colaboram na construção de conceitos.

Segundo Rubem Alves, a escola não deve ser tão conteudista, ele critica o volume de conteúdos que as crianças devem assimilar em um curto período de tempo e, quase sempre, sem ter experimentado ou visto sentido naquilo que devem aprender. Ele defende a ideia que de existem conteúdos que são totalmente dispensáveis, como por exemplo, os dígrafos: “perguntei-me: quais os usos possíveis da palavra “dígrafo”?”. Rubem Alves afirma que não se

lembra do significado do dígrafo e, mesmo assim, não podemos de maneira alguma negar a sua competência como escritor. Então nos perguntamos: qual a importância de certos conteúdos serem ensinados? Qual a função da sobrecarga de conteúdos que não terão nenhuma utilidade na vida da maioria das pessoas?

Rubem Alves alega que quando se tenta ensinar algo que não faz sentido para a criança ela vai se recusar a aprender, como ele mesmo fez quando era menino e teve que aprender sobre os dígrafos.

Na sua obra, *Por uma educação romântica* ele faz a seguinte comparação:

Uma aula é como comida. O professor é o cozinheiro. O aluno é quem vai comer. Se a criança se recusa a comer pode haver duas explicações. Primeira: a criança está doente. A doença lhe tira a fome. Quando se obriga a criança a comer quando ela está sem fome, há sempre o perigo de que ela vomite o que comeu e acabe por odiar o ato de comer. É assim que muitas crianças acabam por odiar as escolas.

Em sua visão educacional a criança tem que querer aprender, não adianta obrigá-la, pois só é possível adquirir conhecimento quando se está receptivo para ele. Para Rubem, muitas crianças não aprendem devido ao fato de como o conhecimento está sendo apresentado a ela. Para acontecer a aprendizagem o ser humano tem que ser confrontado e passar pela experimentação do mundo. “O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto” (ALVES, 2003). É necessário que haja prazer no que se ensina e no que se aprende.

Na sua abordagem como educador, a interdisciplinaridade não é definida especificamente desta forma, mas certas crônicas nos levam a refletir sobre ela. O educador é contra a divisão do ensino por áreas, contra a fragmentação. Para ele não há como fragmentar o mundo do qual a criança vive e experimenta todos os dias.

Cada professor ensina uma disciplina diferente: física, química, matemática, geografia etc. Isso é parte da tendência que dominou o desenvolvimento da ciência: especialização, fragmentação. A ciência não conhece o todo, conhece as partes. Essa tendência teve consequências na prática da medicina: o corpo como uma máquina formada por partes isoladas. Mas o coró não é uma máquina formada por partes isoladas. (ALVES, 2002)

Um dos pontos fundamentais na proposta pedagógica de Rubem Alves é ressaltar o papel do professor na vida do seu aluno bem como a importância do seu olhar sobre ele. O olhar de um professor pode desenvolver habilidades fantásticas em seu aluno, mas também pode destruí-lo. Nesta perspectiva ele diferencia os educadores dos professores. Ressalta que educadores são por vocação e estão em extinção, e que professores visam apenas a utilidade e a produção, querendo alcançar metas, enquanto que os educadores querem a vinculação do conhecimento com a vida. Para ele:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais... (ALVES, 2000)

Como educador, propôs tarefas para a educação, a primeira delas: ensinar as crianças a serem elas mesmas; a segunda: ensiná-las a conviver e a ver o mundo, concordando nesta última com Nietzsche.

Encerro concordando com a fala : “ uma das missões da educação: formar um povo”.

3.2 O que dizem de Rubem Alves como educador.

Na última década, os escritos de Rubem Alves têm influenciado muitos educadores e pensadores. CERVANTES-ORTIZ (2005) escreveu um livro sobre os pensamentos de Rubem Alves no ano de 2005, intitulado: A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo.

Da Silva destaca, que em 2007:

14 autores, intelectuais das mais distintas áreas falam da influência do pensamento de Rubem Alves. Nesta, eles avaliam o impacto do seu humanismo religioso, educacional e poético em nossa sociedade.

Ao investigar as publicações realizadas sobre Rubem Alves, suas obras e sua proposta pedagógica é possível encontrar mais de vinte pesquisas no Brasil sobre o tema, dispostas em artigos, teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias. Na sequência apresentaremos os principais resultados desta investigação sobre o que disseram de Rubem Alves e suas obras na última década.

Ao falar de Rubem Alves, Da Silva afirma:

É um dos mais instigantes pensadores da atualidade, com inserção e respeito em esferas distintas: teologia, educação, psicanálise, filosofia, estudos do fenômeno religioso, literatura (adulta e infantil), crônicas do cotidiano entre outras.

Já Gadotti (2003) destaca: “Rubem Alves é um emérito escritor, psicanalista, educador respeitado, mas é, sobretudo, um semeador de sonhos e de ideias que dão a pensar.”

Para Barbosa (2008) Rubem Alves se mostra polivalente, sabendo falar e criticar quando se faz necessário já que tem uma formação bastante heterogênea. Ele exerce a arte com prazer e crê que no mais profundo do inconsciente, mora a beleza, razão que ele atribuiu as mudanças do ser professor.

De Lacerda (2010) conclui sobre Alves :

Professor-escritor que mantém acesa a chama da esperança em mudanças na educação que valorizem os sonhos, enfatizem a criatividade. Desse modo, se a crônica é considerada pela crítica como um “gênero menor” não deixa de ser uma narrativa que pode, nos acontecimentos do dia-a-dia, revelar o que há de universal na existência.

Para Souza (2010) Rubem escreve:

(...)partindo de fatos cotidianos, ele apresenta reflexões acerca da vida e expressa sua opinião a respeito de diversos assuntos. Conta histórias, constrói parábolas e utiliza muitas metáforas e metonímias; e é por meio delas, muitas vezes, que as mensagens são expressas.

Souza percebeu que mais do que convencer os leitores, Rubem Alves tem o intuito de levá-los à ação, à mudança de atitude perante a vida, os problemas e os relacionamentos. É um texto persuasivo.

Segundo Lakoff (1980) as metáforas, que estão muito presentes nas crônicas de Alves, servem para promover entendimento, projetando um conceito sobre outro.

Barbosa (2008) ressalta que :

O seu discurso revela críticas ao sistema educacional brasileiro e, nas obras que abordam o tema Educação, age com um estilo próprio e marcante ao tecer críticas. Estas, no entanto, ocorrem porque deseja ver oferecida aos alunos do país uma educação mais justa, e aos professores, a possibilidade de se realizarem como mestres.

Segundo FINKLER (2010) as obras de Rubem Alves nos permitem refletir, através das crônicas, sobre o conhecimento científico, pois o autor faz esse questionamento em várias de suas obras, um exemplo é a crônica “o que é científico?” Ele afirma que:

As conclusões da ciência, no entanto, são sempre provisórias. A ciência não deve ter dogmas, defende Rubem Alves. Porém, no cotidiano da prática científica, Thomas Kuhn afirma que a ciência tem dogmas mantidos pelos cientistas que se agarram às suas teorias e não admitem que elas podem ser falhas.

Para Brasil (2013) tornar nítida a pedagogia de Rubem Alves é importantíssimo para quem pensa a educação e para quem age no interior dela

pois, ele não pensa a educação, a escola, a sociedade e o ser humano pelos mesmos paradigmas usados pela maioria dos outros pensadores.

A filosofia da educação alvesiana propõe poeticamente que aos alunos sejam oferecidas menos tecnologias de ensino e mais sonhos de Paraísos e Jardins. (SCOFANO, 2015)

Já para Nunes (2001), Rubem Alves não chegou a formular uma pedagogia de forma rigorosa e dentro dos parâmetros acadêmicos. Porém ele concluiu que Alves não nega a tradição, nem o saber adquirido, nem o processo de transmissão do conhecimento, mas enfatiza a criticidade, a criatividade, o prazer e tudo que compõe o universo significativo do aluno.

Scofano destaca que Alves não compreende uma educação sem prazer e brincadeira. Em algumas de suas crônicas como: “o prazer da leitura”, “dígrafo” e “sobre dicionários e necrotérios”, ele realiza uma crítica da crueldade que é o ensino de Português para os alunos, a quantidade de regras faz da leitura um martírio. Torna-se um desgosto. Acredita que, inicialmente, deve ser desenvolvido na criança um processo de sedução da leitura ao invés de iniciar pelo processo de alfabetização da criança. O professor deve fazer com que o aluno fique deslumbrado com as coisas maravilhosas que podem estar nos livros. O pensamento educacional de Rubem Alves suplica por um dia no qual as crianças leiam livros sem ter que identificar e sublinhar os dígrafos e encontros consonantais e que o conhecimento das obras literárias não será conteúdo de provas de vestibulares. O dia onde os livros serão lidos pelo simples prazer da leitura. (SCOFANO, 2015)

De Lacerda (2010) afirma sobre as crônicas de Rubem Alves:

Selecioná-las e analisá-las representa a tentativa de mostrar a capacidade desse autor em tornar o relato do circunstancial um texto repleto de poesia, de reflexões, o transbordamento de sua alma de artista extasiada diante do que a vida nos apresenta.

Souza (2010) ressalta que:

O significado final dos textos lidos está na compreensão que o leitor fará deles, desse modo pode-se dizer que o significado está apenas induzido no texto e o significado total só existirá ao passar pela compreensão do leitor.

Sobre a relevância das obras de Alves Brasil (2013) afirma:

Leitura indispensável a educadores, pensadores e pesquisadores da educação de todo o mundo, principalmente do Brasil. Mesmo aqueles que com ele não concordam. Pois, começa por quebrar os paradigmas vigentes nas concepções de educação ao propor uma educação que, tanto na teoria quanto nas práticas escolares, destoa das propostas vigentes em nossos dias.

E Barbosa (2008) enfatiza:

Diante de tudo isso, pode-se dizer que os discursos de Rubem Alves não se enquadram entre os dos escolanovistas mas age com a visão destes, pois busca novas concepções de ensino. Conversa, em suas obras, com aqueles que fazem a escola – administradores, professores e alunos - , no intuito de mostrar, principalmente, aos professores, não pedagogias, mas suas experiências.

Segundo Scofano (2015), Rubem Alves concorda que é necessário o ensino dos preciosos saberes da ciência às crianças, porém, também é necessário mostrar por que eles são úteis e como vão poder ser eficazes na vida dos educandos. Considera que a ordem com que propomos nossa educação está totalmente errada.

Poético, polêmico e ao mesmo tempo com uma linguagem simples que seduz Rubem Alves, falecido recentemente deixou com suas histórias um legado de escritos, que todo professor deveria ler e refletir.

4 OBJETIVO GERAL

Analisar a obra de Rubem Alves *Por uma Educação Romântica* identificando as principais contribuições para a educação contemporânea como uma proposta pedagógica para o ensino de química.

4.1 Objetivos específicos

- investigar na literatura textos que caracterizam a obra de Rubem Alves como educador;
- identificar as principais linhas do pensamento de Rubem Alves que podem contribuir para uma educação diferenciada no ensino de química;
- discutir e analisar a opinião dos alunos do curso de licenciatura em química, na disciplina de estágio supervisionado, sobre as contribuições da obra *Por uma Educação Romântica* de Rubem Alves, para o ensino de química.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho buscou investigar a obra de Rubem Alves *Por uma Educação Romântica* no sentido de verificar a sua influência na formação de professores no curso de licenciatura em química da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

Para um embasamento da pesquisa, o primeiro momento do trabalho foi dedicado a revisão bibliográfica a fim de conhecer um pouco mais sobre a vida do escritor e educador e foram levantadas informações da literatura dos últimos dez anos para conhecer o relato da obra de Rubem Alves sob o ponto de alguns cientistas, inclusive daqueles que atuam na área de ensino.

Em um segundo momento, os passos metodológicos do trabalho foram: a leitura e análise da obra *Por uma Educação Romântica* na sua totalidade; a escolha, síntese e discussão de algumas crônicas que foram consideradas mais importantes sob o ponto de vista da prática docente e serão apresentadas neste trabalho; a caracterização de algumas linhas de pensamento de Rubem Alves na obra; o estabelecimento de associações entre as linhas de pensamento de Rubem Alves e a prática dos professores de Química.

O olhar sobre a obra foi crítico-reflexivo, tendo em vista, no estudo, associar os escritos do autor com a prática dos professores, suas contribuições e possibilidades para a educação contemporânea.

A investigação realizada com os estudantes do curso de licenciatura em química trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a metodologia de análise de conteúdo.

Segundo Bardin(1977):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (apud MORAES,1999)

Participaram desta pesquisa dez estudantes da disciplina de estágio supervisionado em química do segundo semestre de 2015, onde a pesquisadora deste trabalho se encontra incluída na turma. Os estudantes foram divididos em duplas, onde cada dupla ficou responsável pela escolha e leitura de 6 crônicas da obra que era composta por um total de 30 crônicas. Houve um momento de debate entre os grupos onde foi possível identificar as crônicas que mais contribuíram na formação dos estudantes de licenciatura como futuros educadores. Posteriormente os estudantes tiveram que realizar uma resenha crítica orientada contendo duas tarefas:

- Primeira: identificar 5 linhas do pensamento de Rubem Alves que caracterizam a obra *Por uma Educação Romântica*;
- Segunda: Após a identificação das linhas de pensamento, escrever um texto (450 a 550 palavras) de como o estudante, se colocando na situação de um professor de química atuante, aplicaria as linhas de pensamento em sua prática docente no cenário atual da educação.

O processo de análise dos dados obtidos foi realizado em cinco etapas baseando-se em Moraes (1999). Foram elas: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades, categorização, descrição e interpretação.

A preparação nada mais é do que uma leitura geral dos dados obtidos verificando quais deles efetivamente estavam de acordo com os objetivos da pesquisa. Todos os dez analisados estavam.

Posteriormente, foi realizada a unitarização que foi reler cuidadosamente os materiais com a finalidade de definir as unidades de análise. (Moraes, 1999)

A seguinte etapa é a da categorização, onde as unidades de análise estudadas geraram as categorias, que nesta pesquisa, são definidas como as linhas de pensamento de Rubem Alves. Moraes (1999) destaca:

A categorização é, portanto, uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo.

As categorias da operação de classificação dos elementos da mensagem seguiram critérios como a relevância, validade e pertinência. Neste

trabalho, as categorias, foram definidas a partir dos dados obtidos após a leitura das resenhas dos estudantes.

Porém os dados não falam por si, foi realizada a quarta etapa que é a descrição. Baseada em Moraes(1999) na descrição faz-se:

Para cada uma das categorias será produzido um texto síntese em que se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise incluídas em cada uma delas. Geralmente é recomendável que se faça uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais.

Para finalizar é necessário realizar uma boa interpretação do conteúdo, a procura de compreensão e de atingir o objetivo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao falar em romantismo na educação, Rubem Alves quer falar de humanidade, de generosidade, de gentileza, de ternura, de bem querer. O romantismo, como ele próprio diz, está na coragem de verbalizar sentimentos, gestos e formas de representação daquilo que está no coração dos que desenvolvem a competência do conviver, sem medo de ser taxado de piegas.

O fragmento do livro *Por uma Educação Romântica* reflete as análises feitas sobre o conceito de que dá nome à obra de Rubem Alves (2002):

Acontece que, como disse Bernardo Soares, o fato é que somos incuravelmente românticos. Assim, sendo a educação uma coisa romântica não consigo pensar uma criança sem ternura, eu lhe digo: “Professor: trate de prestar atenção no seu olhar. Ele é mais importante que seus planos de aula. O olhar tem o poder para despertar e para intimidar a inteligência. O olhar é um poder bruxo.

Esta fala de Rubem Alves mostra a enorme importância que ele confere aos sentidos e aos sentimentos, que são manifestações do ser humano que articulam corpo e mente e oferecem “prazer” a quem vive uma experiência cotidiana no sentido dado ao romantismo pelo autor. O olhar é o que vê, mas o olhar movido pelas batidas do coração que demonstra que o sujeito está feliz, ansioso, desejoso, cheio de sensações boas, com certeza deverá estimular respostas no mesmo tom, ou seja, despertar bons sentimentos.

Rubem Alves como um filósofo da educação contribui com suas linhas de pensamento, que tem por objetivo uma aprendizagem prazerosa e essencialmente humanística, na medida em que valoriza as escolhas, o desejo e o prazer que devem estar presentes na sala de aula. Ao analisar a obra *Por uma Educação Romântica* podemos destacar algumas linhas de pensamento como mais relevantes para o ensino de Química na educação contemporânea, as quais, apresentamos nesta discussão inicial. Em uma das linhas, ele se posiciona contra o conteudismo, enfatizando que o conteúdo ensinado deve ter sentido e ser útil para a vida de quem aprendeu. Segundo Rubem Alves: “É possível que os alunos acumulem montanhas de conhecimentos que os levarão a passar nos vestibulares, sem saber seu uso.”

Ressalta ainda a linha educacional que inicia a partir do conhecimento cotidiano, onde o aluno interage com o mundo e aprende por meio dessa

interação, há relação dos saberes com a vida. Devido a esse pensamento, ele defende a questão da interdisciplinaridade e recusa as especializações. Não gosta da linha da fragmentação e critica os programas escolares por serem engessados, não dão liberdade aos professores.

Uma outra linha que pode ser destacada é a da “liberdade”, que tanto professores como alunos devem vivenciar no momento da aprendizagem. Em várias de suas crônicas ele fala de sair da prisão, de ter criatividade nos momentos de dificuldades, de superar desafios e buscar novas possibilidades. A educação romântica a qual o autor se refere, tem muito dessa liberdade que o professor deve ter no momento de ensinar, sempre optando por uma prática prazerosa e revestida de amorosidade.

Nesse ponto, ele contribui com as suas crônicas para uma postura pedagógica, que estabeleça entre professor e aluno, um vínculo capaz de levar esses dois elementos do processo educativo, a construir a alegria de ensinar e aprender. É uma linha de pensamento que fala de uma educação centrada na sensibilidade, presente na forma com a qual o professor observa o aluno, sente suas angústias e ansiedades e também o potencial desse aluno presente nas suas capacidades.

Além disso, ele defende a linha do ensinar a pensar, ensinar a ver, o aluno tem que ser preparado para descobrir o mundo e decifrá-lo, com isso o educando é capaz de relacionar conteúdo e vida e descobrir a aplicabilidade real desse ensino. O que não é aplicável ao mundo prático, deve ser ignorado.

Não há como negar a importância das ideias de Rubem Alves para a formação de um professor, que desafie o aluno a aprender questionando e sendo capaz de fazer críticas. Também há de se destacar, o fato das suas ideias promoverem um olhar mais atento do professor na direção do aluno, onde as interações humanas consolidam o ser social.

Contudo a prática das ideias de Rubem Alves, às vezes, se veem limitadas na educação do Brasil, devido às condições de trabalho que o professor precisa se submeter como a carga horária elevada dentro de sala de aula que, na maioria das vezes, ainda é dividida entre várias escolas. Tudo isso, para compensar os baixos salários. Para que o professor realmente esteja envolvido com o aluno é preciso que ele tenha tempo. Tempo para conversar

com seu aluno, tempo para estudar, tempo para preparar melhor suas aulas, tempo para expressar a verdadeira identidade de um educador.

Por esta razão, pela beleza de seus textos e pelas mensagens que suas crônicas trazem, consideramos de extrema importância que, suas ideias sejam utilizadas na formação humanística do professor, visando o desenvolvimento de uma prática docente que seja prazerosa, desafiadora e amorosa, mesmo conhecendo as limitações atuais da educação brasileira.

6.1 Análise das crônicas

6.1.1 Gaiolas ou asas?

Com o seu perfil poético, faz uma comparação entre escolas e gaiolas e entre escolas e asas. As escolas gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte de voar. Assim ficam presos às gaiolas, sujeitos limitados e sobre controle sem condições de mostrar seu potencial de voo. Estas são as escolas que não permitem o aluno a desenvolver suas habilidades natas, que estão preocupadas em cumprir o programa, que são monótonas, que funcionam como “jaulas”. Esta é a escola da reprovação, que ao final de um ano inteiro diz à criança, que ela é um fracasso e que nada aprendeu. É como cortar as asas de um pequeno ser, que luta para conquistar sua autonomia e exercitar a descoberta da sua identidade de ser pensante, humano e aberto à aprendizagem. Já as Escolas que são asas não ensinam a voar, porque o voo é nato dos pássaros. Todavia elas encorajam ao voo, fazendo com que os pássaros voem mais alto, e se apreciam com a capacidade de voo de cada pássaro e se orgulham disso. Ou seja, são aquelas escolas que buscam desenvolver as habilidades dos seus alunos, o pensamento crítico, a inteligência como instrumento do corpo, as “ferramentas”.

Ele coloca o comportamento indisciplinado dos alunos em questão. Ele não venda os olhos para o mau comportamento que alguns alunos apresentam, como: balbúrdia, gritaria, desrespeito, ofensas, ameaças. Porém ele afirma que muito desses comportamentos é devido à forma na qual as escolas tentam

ensinar. Os alunos se sentem presos nas aulas que não os motivam, que não os desafiam. O que se ensina não é interessante para eles, não tem utilidade para a vida.

Este fato gera certa discussão entre os professores, pois esta generalização de Alves, por vezes, não contempla o todo. Segundo Lauriano (2007): “ A indisciplina em sala de aula esta ligada a falta de valores do nosso tempo”. Existem alunos que nada os interessam, que falta apoio familiar, que trazem reflexos de uma má criação para a sala de aula com atos agressivos, que não conhecem o respeito. Nestes casos, a indisciplina faz com que os professores se sintam angustiados e isso os desmotiva ainda mais a buscar diferentes métodos que, como ele diz, façam os alunos “voarem” mais alto.

Nas entrelinhas de seu texto Rubem Alves fala do fato dos professores não mais sensibilizarem seus alunos, pelo gosto de descobrir coisas novas, de exercitar o corpo e os sentidos para poder aprender com prazer. Crianças e adolescentes tem energia, que precisam de espaço e céu aberto para que possam correr, sonhar, voar. É preciso que os professores mudem o seu jeito de ensinar para se adequar aos interesses dos alunos.

O autor apresenta por meio de metáforas as duas formas de educação. Segundo ele o homem carrega duas caixas: a caixa da ferramenta e a caixa de brinquedos, cada uma tem um significado. A de ferramentas é relacionada às coisas úteis, essenciais à vida, tais como habilidades e objetos, já a caixa de brinquedos está associada ao prazer e ao coração, as coisas “inúteis” que aparentemente não são essenciais, porém completam muito bem as ferramentas.

Ele coloca que o mais importante é aprender as ferramentas que já existem e construir o conhecimento de como fazer novas ferramentas, pois este último exige a arte de pensar e isso é difícil de avaliar. O pensar transporta você para novas soluções para um mesmo problema, isso não seria possível se faltasse “àquela” ferramenta que você aprendeu mecanicamente a utilizá-la.

No texto explicita bem a diferença entre as duas caixas:

‘Ferramentas’ são conhecimentos que nos permitem resolver os problemas vitais do dia a dia. ‘Brinquedos’ são todas aquelas coisas que, não tendo nenhuma utilidade como ferramentas, dão prazer e alegria à alma. (ALVES, 2002)

Há sempre necessidade de equilíbrio na vida, pois devemos usufruir das ferramentas que nos são dadas assim como a saúde.

Escolas que ensinam as “ferramentas” e os “brinquedos” são escolas que dão asas aos alunos. Que os dão liberdade para experimentar o mundo, descobri-lo e a partir daí construir conhecimentos. O sonho de Alves é que as escolas abandonem os programas e que ensinem coisas práticas para a vida, para que assim os alunos “voem”.

O professor que investe no vôo de seus alunos, que oferecem liberdade para que eles mostrem seu potencial, esses não acreditam em gaiolas, mas sim, no exercício de vôos que vão garantir a viagem futura para o mundo desconhecido.

Essa crônica contribui para a prática docente porque ela é um alerta para os professores em relação a ter uma prática mais humanizada e não se prender tanto aos programas impostos pelo sistema.

Nessa crônica as principais linhas de pensamento de Rubem Alves foram identificadas como:

- Valorização de conteúdos que façam sentidos na vida;
- Valorização da liberdade, do ensino com prazer;
- Desenvolvimento do pensamento crítico;

6.1.2 O olhar do professor

Esta crônica tem como linha principal de pensamento a importância do olhar do professor na vida de seus alunos. Rubem Alves inicia dizendo que os nenéns têm o olhar vazio, eles não tem a capacidade de observar como os adultos. Quando eles começam a observar, admirar o mundo acontece o assombro, o espanto de enxergar um mundo com tantas coisas a serem descobertas.

Os educadores são aqueles que estão atentos aos movimentos dos seus alunos e tem a função de ensiná-los a ver.

É desse olhar que Rubem Alves fala nesse conto, ao dizer que quem verdadeiramente educa, respeita o desejo do outro, sua autonomia, seu potencial, porque ao abrir os olhos para o mundo, a criança recebe a força dos

estímulos, mas só quando aprende a ver realmente, com espanto e deslumbramento para os detalhes da vida, é que ela realmente amplia o seu olhar, pela capacidade de compreender o que está a sua volta.

Ensinar a ver, essa é a grande tarefa da educação defendida por Rubem Alves nessa crônica, mas para que isso aconteça é preciso, que ele próprio, enquanto professor aprenda a ver, percebendo a importância do seu olhar, que deve acolher, aprovar, duvidar, rir, desejar, porque a força do olhar, ilumina ou escurece o rosto de quem olha.

O olhar busca o belo, a estética de um mundo que é diverso, multidimensional, por vezes sensual, mas que toca o ser humano. Muitas vezes, a cegueira dos professores não permite que ele veja a beleza dos seus alunos e essa cegueira é fruto da insensibilidade, do olhar que não nasce das emoções e que por isso discrimina, segrega, repara e não vê a beleza presente no espanto de quem descobre o mundo, no medo de não acertar a questão da avaliação, na angústia do não-saber e o que é mais grave, no reter o corpo, a voz, o desejo de aprender com prazer. Alves (2002) ressalta, “ às vezes, a exigência de provas é uma manifestação de burrice”. Isto porque as provas, na maioria das vezes, não conseguem avaliar as múltiplas capacidades do educando. Elas se tornaram um método repressor, onde certos professores se “vingam” de seus alunos.

Educar é muito mais do que repetir teorias, precisa acontecer envolvimento entre os agentes de construção do conhecimento. Para a Alves, a porta de entrada da educação é o olhar, é a troca de olhares entre mãe e filho ou no caso, entre professor e aluno. O olhar de estímulo e de ‘eu acredito em você’ impulsionam os alunos a descobrirem novas coisas e aí é o ponto em que ocorre a educação romântica. Uma educação de envolvimento, que causa modificações no corpo de quem é observada, que lida com as emoções. Os olhos do aluno estão sempre voltados para o professor e, em certas ocasiões, mostram reverência. Quando o professor retribui o seu olhar, o aluno constrói sua segurança.

Nesse contexto, compete ao professor olhar o aluno com grande cuidado: o educando não precisa ser idêntico ao professor. Cada aluno é um ser único que necessita conquistar sua identidade. O respeito a essas diferenças é que formará a sua autonomia e o resgate da sua segurança para

ser o que deve vir a ser. As diferenças na educação são superadas pela maneira como o professor olha seu aluno.

Mas um olhar opressor, discriminador e que condena os alunos ao fracasso realmente o levará. O local da aprendizagem tem que ser um lugar harmonioso onde o educando se sinta bem porque criança de olhar amedrontado e vazio não aprende.

Sendo assim a contribuição deixada por essa crônica para a prática docente, em resumo, é: “professor: trate de prestar atenção no seu olhar. Ele é mais importante que seus planos de aula. O olhar tem o poder para despertar e para intimidar a inteligência.” (ALVES, 2002)

Nessa crônica as principais linhas de pensamento de Rubem Alves que foram identificadas são:

- Ensinar a ver a beleza do conhecimento;
- Valorização da relação professor-aluno;
- Valorização de métodos alternativos de avaliação.

6.1.3 O canto do galo

Neste conto Rubem Alves faz uma severa crítica à forma como as universidades ensinam e como os docentes são pressionados a trabalhar de maneira que possam atender os interesses da própria universidade em manter seu “status quo” no contexto do Ensino Superior, com muitas publicações que, nesse caso, levam em conta o critério quantitativo e não, a qualidade dessas publicações.

Aqui a linha de pensamento que se torna mais presente é a de que a qualidade é mais importante que a quantidade. Ou seja, é preciso formar e publicar com qualidade e não com quantidade.

Para elaborar essa reflexão crítica, ele utiliza a metáfora do “canto do galo” contando na forma de parábola a história de um granjeiro, que na ganância por mais lucro, opta por utilizar um aprendizado do curso de administração, de que o mais importante em um negócio é a produtividade.

Como seu negócio era criar galinhas e vender ovos, passa a investir nas galinhas poedeiras, alimentando-as com mais ração e deixando de lado as que punham uma quantidade de ovos menor e, por terem pouca produção eram eliminadas e viravam “caldo de galinha”. Como os galos não botavam ovo e ainda “pertubavam” as galinhas, o granjeiro resolveu transformá-los em “caldo de galinha”, comprando chocadeiras elétricas e investindo mais nas galinhas dos ovos de ouro, ou seja, as poedeiras.

Só que o granjeiro percebeu que após 21 dias, os ovos que antes se quebravam e saíam pintinhos, passaram a não quebrar, ficavam lá, inertes e deles não saíam pintinhos, e quando quebrados o que saía era um cheiro de poder, de coisa morta.

Conforme analisa Rubem Alves, na finalização da sua história, o granjeiro saiu dessa experiência com duas lições: o que vale não é a quantidade de ovos, mas a qualidade do que está dentro deles, a segunda lição é de que há coisas de valor, que não podem ser medidas por números pela impossibilidade de serem quantificadas.

O autor aproveita essa parábola para comparar as galinhas poedeiras com os docentes das universidades, cobrados para que produzam artigos em quantidade, como se esses fossem ovos. Contudo, pesquisar e produzir são exercícios que demandam tempo, e por isso quem dá aulas e cumpre um planejamento, muitas vezes em condições inadequadas, não pode produzir com qualidade e sobre pressão. Por outro lado é urgente que as universidades formem pessoas que pensem e não que reproduzam ideias já bastante exploradas, sem qualquer prioridade. Logo, conforme sinaliza Rubem Alves, no momento de estabelecer prioridades é necessário que as universidades ouçam o “canto do galo”, ou seja, ouça os seus alunos e suas necessidades.

Com este texto, Rubem Alves faz uma crítica à forma como as universidades obrigam seus docentes a uma quantidade de publicações, algumas até mesmo sem grande qualidade acadêmica, como ele deixa perceber nas entrelinhas do seu texto. Em educação, a qualidade do pensamento vale mais do que a quantidade de ideias repetitivas e sem qualquer valor.

Ele também critica os profissionais que se deixam levar por essas obrigações de *publish or perish* e se tornam apenas pesquisadores

esquecendo que dentro das universidades eles também são professores. Com isso, os alunos e a educação ficam relegados ao segundo plano.

Nessa crônica as principais linhas de pensamento de Rubem Alves que eu identifiquei foram:

- Valorização do professor frente ao pesquisador;
- A qualidade é mais importante que a quantidade.

6.1.4 Um discreto bater de asas de anjo

Nesse conto, o autor vai apontar a sinceridade dos adolescentes que têm Síndrome de Down, que são pessoas que não dizem “não” aos seus desejos mais simples, porque não abortam seus desejos para agradar as pessoas que as cercam. O Vítor, por exemplo, aprende no “Mc Donald’s” sobre a importância de cuidar dos instrumentos do seu trabalho, de manter o ambiente limpo e, portanto, não se conforma quando vê os clientes sujando e destruindo o que ele cuidou, e ao final ele ainda tem que sorrir e ser educado. Ao reclamar e utilizar os argumentos certos, ele chega a ser condecorado como funcionário daquele mês.

O mesmo ocorre com Edmar, que reage de forma diferente dos demais funcionários, ficando calado em um canto, revelando no corpo, toda a sua insatisfação com a graxa preta e pegajosa que não conseguia retirar das mãos ao lavar um carro em um lava-jato onde trabalhava. Ao ser ouvido por quem o colocou nesse trabalho e ao dizer que ficava infeliz com a situação, todos se uniram na tentativa de buscar uma solução ao problema, A atitude de Edmar, ao final, passou a beneficiar a todos os funcionários que, apesar de não reclamarem das mãos sujas, também não eram felizes com a situação.

Tem também a Andréa, que ao receber um presente, diz olhando nos olhos de quem a presenteou que daria para outra pessoa, por não ter gostado do presente.

Rubem Alves segue dizendo que os adolescentes com Síndrome de Down, são verdadeiros em suas expressões, não aceitando o que não lhes dá prazer ou não serve como ferramenta para suprir necessidades. Eles são

comparados as Asas de anjos, que no bater discreto de suas asas dão grandes lições de vida a muitos adolescentes considerados “normais”.

Educação inclusiva é sempre um ponto de grande contribuição para a prática de um professor e nesta crônica Alves mostra que se for dado uma chance eles são capazes.

Entretanto, quando o autor faz uma excessiva admiração ao jeito que as pessoas com Down tem para lidar com certas situações, é importante não confundir sinceridade com falta de educação. Devemos aprender com pessoas portadoras de Síndrome de Down a ser sinceras e quando algo não vai bem, buscar uma solução em vez de simplesmente se acomodar com a situação. Entretanto, como no caso do presente, não é errado reagirmos educadamente ao receber algum presente que não gostamos pelo simples fato de discernirmos, que quem nos deu, tentou fazer algo para nos deixar felizes. Já, um portador de Síndrome de Down pode não ter este grau de discernimento.

Nesse texto, Rubem Alves faz a comparação das caixas da inteligência, que nesse caso, são a caixa de ferramentas e a caixa de brinquedos. Ambas são metáforas do pensamento, que levam à conclusão de que ferramentas são tudo que usamos em casos de necessidade e brinquedos é o que nos dá prazer e alegria, porque traduzem o aspecto lúdico e prazeroso da vida. O que o autor chama à atenção do leitor é para o fato de que as escolas passam aos alunos conteúdos que além de não terem qualquer utilidade para a vida cotidiana, ainda são pesados e não dão prazer.

Nessa crônica as principais linhas de pensamento de Rubem Alves que foram identificadas são:

- Desenvolvimento do pensamento crítico;
- Educação útil para o cotidiano;
- Educação inclusiva.

6.2 Análise das linhas de pensamento identificadas pelos alunos do estágio supervisionado do curso de licenciatura em Química da UENF.

Na disciplina de estágio supervisionado IV da licenciatura em Química da UENF foi solicitado que os alunos, após a leitura da obra *Por uma Educação Romântica*, identificassem cinco linhas do pensamento de Rubem Alves que caracterizam a obra. Apesar de na tarefa ter sido solicitada cinco linhas de pensamento, ao realizar a análise de dados foi possível identificar oito linhas destacadas pelos alunos, já que nem todos identificaram as mesmas linhas e teve aluno que falou da mesma linha mais de uma vez.

As categorias, aqui definidas como linhas do pensamento de Rubem Alves, após a análise das resenhas dos licenciando foram:

- A importância do professor e de seu olhar na vida do aluno
- A valorização do conhecimento útil
- Escolas que são asas: Liberdade de pensamento onde ocorre o desenvolvimento do pensamento crítico
- Valorização da relação professor-aluno onde a afetividade é o elemento essencial no processo ensino-aprendizagem
- Reconhecimento das várias formas de inteligência
- A interdisciplinaridade
- O ensinar a ver
- Professor x Educador

A seguir, a descrição destas categorias e a análise crítico-reflexivo das contribuições das linhas de pensamento de Rubem Alves para a prática docente no cenário atual da educação segundo os alunos do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Química.

6.2.1 A importância do professor e de seu olhar na vida do aluno

Os alunos exploraram bastante a influência do professor no processo de ensino-aprendizagem. Dos dez alunos oito comentaram a respeito dessa categoria. Levando em consideração, entre outras coisas a seguinte afirmação

de Rubem Alves na obra *Por uma Educação Romântica*: “O olhar de um professor tem o poder de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar.” (ALVES, 2002)

A respeito dessa linha de pensamento a aluna “A” destacou: “Nós professores podemos estimular o aluno para aprender alguma coisa ou podemos fazer esse aluno a odiar aquilo devido à forma inadequada que foi ensinada.”

Já a aluna “B” afirmou: “O professor é uma peça fundamental no processo de aprendizagem do aluno. Ele tem o poder de estimular ou desestimular tanto o aprendizado quanto o aluno como indivíduo”.

O aluno “C” destacou que é importante, para ele como professor entender que o professor pode ter grande influência no presente e no futuro de seu aluno.

Contudo a aluna “D” ressaltou: “ De uma maneira positiva ou negativa, o educador tem grande influência sobre a vida de seu aluno.”

Isto nos remete que não podemos esquecer que certos professores com seu jeito opressor e disciplinador traumatiza o aluno de uma forma que dificulta ou até mesmo impede a aprendizagem.

Também considero esta linha de pensamento muito importante e relevante para a prática docente.

6.2.2 A valorização do conhecimento útil

Esta linha de pensamento é aquela na qual Alves fala sobre ensinar aos alunos aquilo que será útil para eles utilizarem no seu cotidiano e resolverem os problemas que surgirem. Percebi que os alunos do curso de licenciatura se identificaram com essa linha, pois dos dez alunos sete a mencionaram.

Segundo o aluno “C”: “o que é ensinado na escola precisa ser útil ao aluno, seja como ferramenta ou como diversão. Se não for nenhuma das duas coisas não despertará interesse.”

Se baseando em uma frase de Rubem Alves a aluna “A” disse: “todo o conhecimento que não tem uma função prática, isto é, que não é usado como ferramenta, é logo esquecido e desaprendido.”

Isto é muito sério, uma vez que muitos professores ensinam seus alunos com o intuito de capacitá-los apenas para realizarem provas e vestibulares, no entanto, Alves defende o ensino como ferramenta para ser utilizada no cotidiano.

Temos que ter em mente que a utilidade de um conhecimento vai mudar de acordo com o local onde se ensina.

A aluna “B” destacou:

Devemos sempre buscar ensinar aquilo que for útil, aquilo que estará na caixa de ferramentas. Ferramentas têm uma utilidade e cada pessoa usa ferramentas diferentes de acordo com a função que ela exerce. (...) o que é considerado útil para um grupo de crianças na cidade, talvez não seja para crianças do campo.

Com esse trecho podemos observar que ela absorveu o que Alves disse em suas crônicas a respeito da utilidade do conhecimento.

A aluna “F” destacou: “Os alunos só absorvem os conteúdos em que vêem a sua utilidade ou que lhes faz bem, que dá prazer”.

Esta afirmativa foi super pertinente para a confirmação de que eles concordaram com esse pensamento de Rubem Alves.

6.2.3 Escolas que são asas: Liberdade de pensamento onde ocorre o desenvolvimento do pensamento crítico

Esta linha se mostra de grande contribuição para a educação e após a análise percebi que a mesma despertou nos alunos outro olhar sobre a prática educativa e o modo como as escolas tem que lidar com seus alunos. Identifiquei que dos dez alunos sete comentaram a respeito dessa linha e de sua importância.

A aluna “H” definiu essa linha de pensamento de Rubem Alves como: “Escolas que são asas estimulam o aluno a voar, a pensar, a buscar respostas, a ter base para seu desenvolvimento. Escolas que são asas abrem as portas das gaiolas.”

A aluna “D” reforça ao dizer:

Escolas que são asas, remete-se a ideia de instituições que favorecem o crescimento crítico do aluno, aquela que permite que o conhecimento seja adquirido de uma forma natural, como consequência da mediação do professor.

É exatamente isso que Rubem Alves queria dizer: que o pensamento fosse liberto e não ficasse engessado em conceitos. O educando tem que ser capaz de analisar, pensar e criticar.

Sobre esse aspecto a aluna “I” afirmou: “As escolas podem aprisionar os pensamentos se não aproveitarem a participação dos estudantes e também se há presença de violência nessas escolas”.

Senti um certo receio nessa aluna porque a mesma também disse: “Acho que tentaria não entrar em conflito. Mas se não tivesse jeito, eu faria uma conscientização dos alunos da gravidade da violência e pediria para trocar de turma.” Nas entrelinhas ela me mostrou que não concorda muito com Rubem Alves quando ele diz que a indisciplina ocorre somente por causa da escola ser gaiola e ela tem medo.

Contudo a aluna ‘D’ destacou ainda a respeito da prática docente em uma ‘escola asa’: “O educador tem que estar comprometido com sua função e permitir que a escola tenha um papel de libertação.”

Já a aluna “F” ressaltou: “O educador deve ser capaz de proporcionar a liberdade aos seus alunos, mostrando-os que eles podem ser o que quiserem e que são capazes de voar, estimulando-os a construir o próprio conhecimento”.

Foi verificado que os alunos acharam essa linha relevante e importante para a melhoria da qualidade do ensino.

A aluna “E” afirmou: “acredito que é uma linha de pensamento que todos os professores deveriam anexar às suas atividades.”

E a aluna “A” ressaltou: “o modelo de uma escola ideal é uma escola asa.”

Após ler estes relatos, as expectativas são de que esses alunos realmente apliquem esta linha de pensamento em sua prática pedagógica, fazendo da escola um lugar onde os educandos sejam participativos, encorajados e que desenvolvam o pensamento crítico.

6.2.4 Valorização da relação professor-aluno onde a afetividade é o elemento essencial no processo ensino-aprendizagem

Esta linha de pensamento se encontra totalmente interligada com a primeira (A importância do professor e de seu olhar na vida do aluno), pois nela os alunos destacaram o quanto uma boa relação professor-aluno ajuda no processo ensino-aprendizagem. Dos dez alunos seis destacaram essa linha de pensamento de Rubem Alves.

O aluno “C” afirmou: “O professor precisa conhecer o seu aluno”.

Porém, sabe-se que para conhecê-lo é necessário que haja conversa, sensibilidade e envolvimento e isto nem sempre é possível no atual sistema de ensino do Brasil.

Para que aconteça um bom aprendizado, baseado em Rubem Alves, o mesmo aluno ressaltou:

Seria importante se tivéssemos o mínimo de conhecimento do contexto em que vive este aluno, e lembrarmos que numa sala de aula não se encontram robôs, mas seres humanos com sentimentos e problemas.

Ao ler os trabalhos pude perceber que os alunos compreenderam a importância da relação professor-aluno e da afetividade dita por Rubem Alves na aprendizagem. Uma vez que, o aluno “G” afirmou: “A renovação do ensino está sustentada nas relações afetivas”. E: “O professor deve ter o aluno como um aliado, sustentado pelas relações afetivas de cuidado um para com o outro, onde a troca de conhecimento é saudável no aprender e na produção de novos saberes”

Com o mesmo pensamento a aluna “D” destacou:

A melhor maneira para que o educador desempenhe sua função com louvor é usar da amizade e da compreensão, porém dentro do limite para que haja respeito. (...) A interação no sentido da amizade, faz toda a diferença.

Sinto que a leitura do livro *Por uma Educação Romântica* influenciou, positivamente, na futura prática docente desses alunos uma vez que, a aluna “F” enfatizou: “Quero muito me tornar amiga deles, pois sei que assim eles dão mais atenção as aulas, colaboram mais, cooperam e participam fazendo as aulas renderem.”

Apesar de eu achar que nem sempre é assim porque a questão da indisciplina envolve diversos fatores internos e externos.

6.2.5 Reconhecimento das várias formas de inteligência

Linha de pensamento super interesse dentro do que Rubem Alves aborda: as múltiplas inteligências.

Aqui, dos dez alunos cinco identificaram e destacaram o quão importante é a valorização das múltiplas inteligências para o processo ensino-aprendizagem.

A aluna “B” afirmou:

Existem várias formas de inteligência. Algumas pessoas nascem com talentos naturais, que não são ensinados em universidades, mas que qualificam essas pessoas a serem muito boas naquilo que elas fazem.

Já o aluno “C” ressaltou:

A produtividade escolar não pode estar baseada apenas em notas. Através de alguma observação mais atenta, é possível identificarmos habilidades como facilidade de expressão em público, criatividade, raciocínio lógico. Se for incentivado, um aluno pode ir muito mais longe, e isso não significa ter uma longa vida acadêmica. A vida acadêmica é apenas mais uma opção. Existem muitas outras opções nas quais a criatividade, por exemplo, será muito mais valiosa do que boas notas.

Em relação à prática pedagógica a aluna “B” diz:

Não devemos exigir que todos queiram ser engenheiros e advogados, não devemos dizer que eles precisam aprender determinado conteúdo simplesmente porque será cobrado no vestibular. (...) devemos permitir que usem suas múltiplas inteligências.

O que concordo plenamente com ela, pois todas as profissões são essenciais para a vida humana em sociedade e devem ser valorizadas.

Achei super interessante e de grande contribuição a seguinte fala da aluna “D”: “O enfoque da educação não está baseado em quantos estão ‘passando de ano’ ou se formando, mas sim naqueles que estão verdadeiramente aprendendo.”

Os professores devem esquecer um pouco a questão da nota e valorizar o aluno e suas múltiplas inteligências.

6.2.6 A interdisciplinaridade

Este tema é bem atual e destacado por outros autores não apenas por Rubem Alves. Ao ler os trabalhos identifiquei que dos dez alunos somente três identificaram a interdisciplinaridade como uma linha de pensamento de Rubem Alves.

Eles destacaram como aplicar a interdisciplinaridade, proposta por Rubem Alves, na prática docente.

O aluno “C” comentou: “É fundamental mostrar aos alunos que uma área não está separada numa “caixa”, sem se relacionar com as outras, visto que no cotidiano dos alunos, todas elas estão interligadas.”

E a aluna “A” afirmou: “Mesmo sendo professor de uma determinada disciplina, temos que ter o conhecimento da aplicação daquele conteúdo em outras áreas da vida.”

Desse forma, eles estão reafirmando a ideia de Alves que é contra a fragmentação dos conteúdos.

Uma prática docente interdisciplinar é de suma importância no processo ensino-aprendizagem.

6.2.7 O ensinar a ver

Esta linha de pensamento é aquela que se refere à questão de olhar o mundo a sua volta e começar a aprender a partir dele. Mas esse olhar tem que ser um olhar crítico e reflexivo do cotidiano. Segundo Alves (2002) e citado por apenas três alunas, esta é a tarefa do professor: ensinar a ver.

A aluna “A”, baseada em Rubem Alves, disse que é através da observação e da descoberta das coisas que estão presentes no meio que se inicia o processo de construção de conhecimento e aprendizado na escola.

Vale ressaltar que o professor é necessário como mediador para que esse aprendizado ocorra. Nesse aspecto a aluna “H” disse: “ uma das principais funções é ajudar o aluno a enxergar o mundo, e perceber todas as possibilidades que a vida lhe oferece”.

Já a aluna “J” afirmou: “é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo.”

Para que tal coisa aconteça é necessário que as crianças estejam com os olhares atentos a simples situações do cotidiano e para isso precisam estar com os olhares treinados.

Em meio a mundo tão tecnológico, esta linha de pensamento se torna cada vez mais difícil de ser implementada uma vez que as crianças ficam muito com os “olhos na tela”.

6.2.8 Professor x Educador

Na sua obra *Por uma Educação Romântica* Alves apontou a diferença entre professores e educadores. Dos dez alunos apenas uma aluna citou essa linha de pensamento.

Ela (aluna “F”) comentou:

O professor é profissão, ele tem como foco cumprir o currículo, é o bom funcionário. O educador é vocação, ele tem como foco o aprendizado de seus alunos, o currículo está em segundo plano; é visto como o mau funcionário.

E ainda: “espero que seja um educador. Quero muito ser capaz de contribuir para a construção do conhecimento”.

Essa preocupação e vontade de ser já faz dela um educador.

As escolas estão precisando de educadores que revolucionem o ato de ensinar e aprender, pois os “educadores estão em extinção”.

Em síntese, ao realizar a análise do livro *Por uma Educação Romântica* foram identificadas 11 linhas de pensamento de Rubem Alves e os alunos do curso de licenciatura só identificaram 8 linhas, porém, dentro dessas oito há duas nas quais não foram identificadas.

A tabela a seguir mostra, de forma sintetizada, as linhas de pensamento que foram identificadas e discutidas no presente trabalho.

Tabela 1: Linhas de pensamento de Rubem Alves em *Por uma Educação Romântica*.

Linhas de pensamento identificadas pela pesquisadora	Linhas de pensamento identificadas pelos alunos do curso de L. Química
<ol style="list-style-type: none"> 1. A importância do olhar do professor na vida de seus alunos 2. Valorização de conteúdos que façam sentidos na vida / conhecimento útil; 3. Desenvolvimento do pensamento crítico; 4. Valorização da liberdade, do ensino com prazer; 5. Sensibilidade: Valorização da relação professor-aluno 6. A Interdisciplinaridade 7. Ensinar a ver a beleza do conhecimento; 8. Valorização de métodos alternativos de avaliação.* 9. <i>Educação inclusiva</i>.* 10. <i>Valorização do professor frente ao pesquisador</i>.* 11. <i>A qualidade é mais importante que a quantidade</i> * 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A importância do professor e de seu olhar na vida do aluno 2. A valorização do conhecimento útil 3. Escolas que são asas: Liberdade de pensamento onde ocorre o desenvolvimento do pensamento crítico 4. Valorização da relação professor-aluno onde a afetividade é o elemento essencial no processo ensino-aprendizagem 5. Reconhecimento das várias formas de inteligência* 6. A interdisciplinaridade 7. O ensinar a ver 8. Professor x Educador*

(*) Linhas de pensamento diferentes.

Foi possível perceber grande coincidência entre as linhas previamente selecionadas ao fazer a leitura do livro *Por uma Educação Romântica* e as linhas identificadas pelos alunos do curso de licenciatura em Química após debate em sala de aula. Todas elas convergem a um único ponto: a formação humanística do professor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mergulhar na obra de Rubem Alves é viajar pela poesia de seus textos, principalmente do seu livro *Por uma Educação Romântica* no qual ele fala da educação, a partir de temas que falam em liberdade, prazer de ensinar e aprender, sensibilidade que deve marcar a formação de professores, que vêm no ato de ensinar a responsabilidade com um aluno real e humano.

Rubem Alves revelou-se um pensador com uma enorme bagagem de leitura dos clássicos e também dos teóricos contemporâneos, pois o seu discurso poético, na maior parte das suas crônicas, mostra alguém capaz de circular pelos mais diversos campos do conhecimento. Ele levantou questões importantes acerca do homem contemporâneo, a Educação, as Ciências em geral e sobre tudo sobre os educadores.

A identificação de linhas de pensamento dentro da obra de Rubem Alves contribui para a prática docente porque orientam as reflexões para que a educação caminhe na direção de um fazer pedagógico mediador e dialógico, fundado em valores como o amor, a liberdade e o bem comum. O que realmente encanta no autor, é o conteúdo humano e ético de sua obra.

A leitura de Rubem Alves, com sua leveza e beleza, contribui no processo de humanização e possibilita que os educadores repensem práticas docentes autoritárias e descontextualizadas no ensino de Química. A sua grande proposta pedagógica é a de um ensino humanitário e útil.

Como um filósofo da educação Rubem Alves nos instiga a refletir sobre o “fazer pedagógico”, apontando para os cortes das asas, que os sistemas insistem em praticar. Quando ele fala em educação romântica, diz de uma educação voltada para a amorosidade, para a alegria e para o prazer.

As discussões a cerca das linhas de pensamento e de suas contribuições feitas pelos alunos do curso de licenciatura em Química foram analisadas por meio de análise de dados, onde cada linha de pensamento foi uma categoria de análise, isto facilitou e contribuiu para uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

Dessa forma. A partir da leitura, eles desenvolveram um novo olhar sobre a prática docente, onde o caráter humanista, amoroso e sensível é essencial. Houve compreensão que de a verdadeira educação tem que desenvolver o pensamento dos educandos, ensinar a ver e dar asas aos mesmos.

Na educação nada é bom, nada é ruim, depende do público com que se trabalha.

Nesses tempos de incertezas nos quais a educação não consegue fazer o “simples” e “essencial” no exercício do ofício de ensinar e produzir uma aprendizagem efetiva, quem sabe, a saída esteja ali, escondida nos belos textos de Rubem Alves.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar (a)**. 1.ed. 14p. Campinas: Papyrus, 2000.

_____, Rubem. **A vida de Rubem Alves - um breve relato**. Rubem Alves Instituto. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/site/biografia.php>> Acesso em 7.set.2015

_____, Rubem. **Conversas sobre educação**. p.48. Campinas: Verus 2003.

_____, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. Edições Loyola, 1999.

_____, Rubem. **Por uma educação romântica**. 1.ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BARBOSA, Rosângela Góis. **A atribuição de sentidos e o fazer significativo em crônicas de Rubem Alves: formações discursivas, interdiscurso e polifonia**. 2008.

BRASIL, Dildo Pereira. **Antropologia e educação: raízes contraculturais do pensamento pedagógico de Rubem Alves**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2013

CERVANTES-ORTIZ, **A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo**. Tradução Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papyrus, 2005.

DA SILVA, Anaxsuell Fernando. **Rubem Alves, uma trajetória de gestos poéticos**.

DE LACERDA, Wanilda Lima Vidal. **As crônicas de Rubem Alves**. Forma Breve, n. 8, p. 181-187, 2010.

FINKLER, Edison Luis; DOS SANTOS, Anderson Luiz Almeida; DA SILVEIR, Marta Iris Camargo Messias. **Uma reflexão sobre o ensino de ciência e pesquisa: uma análise a partir da perspectiva de Rubem Alves**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 2, n. 1, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. FEEVALE, 2003.

LAKOFF, George and Mark JOHNSON. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago University Press. 1980

LAURIANO, A.A.; DA SILVA, G.R.H; FILHO, G.B. **Fatores que interferem no desempenho escolar um estudo a partir da prova brasil 2007**.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999

NUNES, Antonio Vidal. **Rubem Alves e a Educação dos Sentidos: um estudo dos seus pressupostos filosóficos e pedagógicos**. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2001.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves** – 2. ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014.

REBLIN, Iuri Andréas. **Rubem Alves e a Interdisciplinaridade: Problematizações e perspectivas a partir de uma leitura de “Por Uma Educação Romântica”**. Atos de Pesquisa em Educação, v. 7, n. 4, p. 1201, 2013.

SCOFANO, Reuber Gerbassi. **Mais Leonardos e menos Pinóquios: A Pedagogia de Rubem Alves e a valorização do prazer e da criatividade dos educandos.** REFLEXUS-Revista de Teologia e Ciências das Religiões, v. 8, n. 12, p. 199-214, 2015.

SIQUEIRA, Marita. **LITERATURA E GASTRONOMIA SERVIDOS SOBRE A MESMA MESA.** RAC, dezembro/2014. Disponível em:<
http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/12/ig_paulista/230228-literatura-e-gastronomia-servidos-sobre-a-mesma-mesa.html>
Acesso em: 9.dez.2015

SOUZA, Aline Pereira de. **Parábolas e projeções nas crônicas de Rubem Alves.** 2010.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento.** São Paulo: 34, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1 – OBRAS DE RUBEM ALVES

As obras de Rubem Alves se dividem por áreas:

- COTIDIANO – total 60 obras

1992 – O retorno e Terno
1995 – Sobre o tempo e a eterna idade
1996 – E Aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais
1996 – As contas de vidro e o fio de nylon (Fora de Catálogo)
1997 – Cenas da Vida (Fora de Catálogo)
1997 – Navegando (Fora de Catálogo)
1997 – O Quarto do mistério (Fora de Catálogo)
1998 – O Amor que acende a lua
1999 – A Festa de Maria (Fora de Catálogo)
2000 – Amor (Fora de Catálogo)
2000 – Espiritualidade (Fora de Catálogo)
2000 – Morte (Fora de Catálogo)
2000 – Quando eu era menino
2001 – As cores do crepúsculo
2001 – Coisas da Alma (Fora de Catálogo)
2001 – Coisas do Amor (Fora de Catálogo)
2001 – Coisas que dão alegria (Fora de Catálogo)
2001 – Livro sem fim
2002 – Se eu Pudesse Viver minha vida novamente
2002 – Conversas sobre política
2002 – Um Mundo um grão de areia
2003 – Retratos de amor
2003 – Quarto de Badulaques
2003 – A música da Natureza (Fora de Catálogo)
2003 – Mansamente pastam as ovelhas (Fora de Catálogo)
2003 – Na morada das Palavras (Fora de Catálogo)
2004 – Presente (Fora de Catálogo)
2004 – Mais badulaques (Fora de Catálogo)
2005 – Maçã e outros sabores (Fora de Catálogo)
2005 – Um Céu uma flor silvestre
2005 – Está na mesa: receitas com pitadas literárias
2005 – O velho que acordou menino
2006 – Futebol levado a riso
2006 – Reverência pela Vida (Fora de Catálogo)
2007 – O Infinito na palma de sua mão
2007 – O Médico
2007 – Concerto para corpo e alma
2008 – Cantos do pássaro encantados
2008 – As Melhores crônicas de Rubem Alves
2008 – A Poesia do encontro
2008 – Encantar o mundo pela palavra
2008 – Ostra feliz não faz pérola
2008 – O melhor de Rubem Alves
2008 – Crônicas – religião, m. moderno, sabedoria e sentimentos

2009 – Pensamentos que penso quando não estou pensando
2009 – O sapo que queria ser príncipe
2010 – Na companhia de Rubem Alves
2010 – Quer que eu lhe conte uma história?
2010 – Do Universo à Jabuticaba
2011 – Rubem Alves e Moacyr Scliar Conversam sobre o corpo e a alma
2011 – Desfiz 75 anos
2011 – Variações sobre o prazer
2012 – Palavras para desatar nós
2012 – Pimentas
2012 – Rubem Alves em Meditação
2013 – 7 vezes Rubem Alves
2013 – Paisagens da Alma
2014 – A grande arte de ser feliz
2014 – Do amor à beleza
2014 – Um ipê Amarelo, uma paineira branca

- **EDUCAÇÃO** – total 19

1981 – Filosofia da ciência – introdução ao jogo e às suas regras
1984 – Conversas com quem gosta de ensinar
1985 – Estórias de quem gosta de ensinar
1991 – A Alegria de ensinar
1999 – Entre a ciência e a Sapiência
2002 – Por uma Educação Romântica
2002 – A escola com que sempre sonhei
2003 – Conversas sobre educação
2003 – Fomos maus alunos
2004 – Ao professor com meu carinho
2004 – Aprendiz de mim: um bairro que virou escola
2005 – Educação dos sentidos
2006 – Vamos construir uma casa?
2007 – Que é científico?
2008 – Ensinar, cantar, aprender (Fora de Catálogo)
2008 – Crônicas – Educação
2010 – Pedagogia dos caracóis
2010 – O aluno, o professor, a escola
2013 – Lições do velho professor

- **INFANTIL** – total 45

1983 – Como nasceu a alegria
1983 – Os morangos
1983 – A montanha encantada dos gansos selvagens
1984 – A operação de Lili
1984 – O medo da sementinha
1984 – O Patinho que não aprendeu a voar
1984 – A menina e o pássaro encantado

- 1985** – A Toupeira que queria ver o cometa
- 1986** – A Pipa e a Flor
- 1986** – Flautista Mágico
- 1987** – A selva e o mar (Fora de Catálogo)
- 1987** – O país dos dedos gordos
- 1989** – Escorpião e a rã
- 1989** – Menina e pantera negra
- 1991** – A planície e o abismo
- 1992** – A Porquinha do rabo esticadinho
- 1993** – Estórias de Bichos
- 1994** – Árvore e a aranha
- 1994** – Gambá que não sabia sorrir
- 1997** – O Sapo e o porco espinho
- 1998** – A menina, a gaiola e a bicicleta
- 1999** – A História dos Três Porquinhos
- 1999** – Menino e a borboleta encantada
- 1999** – A volta do pássaro encantado (Fora de Catálogo)
- 2002** – Libélula e a Tartaruga
- 2003** – Boneca de Pano
- 2003** – O passarinho engaiolado
- 2003** – Barbazul
- 2003** – Os Três reis
- 2004** – Degreto da alegria
- 2004** – Pinóquio às avessas
- 2004** – Loja de Brinquedos
- 2005** – Gato que Gostava de Cenouras
- 2005** – Largatixas e dinossauros
- 2005** – A princesinha que falava sapos
- 2006** – A Felicidade dos Pais
- 2007** – O rei, o guru e o burro
- 2007** – A Inveja
- 2007** – Caindo na Real: Cinderela e Chapeuzinho vermelho para o tempo atual
- 2007** – O pescador e sua mulher
- 2007** – Se é bom ou se é mau
- 2007** – Sobre Príncipes e sapos
- 2009** – A Caverna e o Forno
- 2009** – Sobre reis, ratos, urubus e pássaros
- 2009** – Ensinando política para crianças e adultos

- **TEOLOGIA** – total 19

- 1969** – Por uma Teologia da libertação (Título original: “A Theology of human hope”)
- 1972** – A Geração do Futuro (Título original: “Tomorrow’s Child”)
- 1975** – O Enigma da religião
- 1981** – O que é religião?
- 1982** – Religião e repressão (Título original: ‘Protestantismo e Repressão’)
- 1982** – Dogmatismo e Tolerância
- 1983** – Poesia, Profecia, Magia – meditações
- 1984** – O Suspiro dos Oprimidos

- 1984** – Creio na ressurreição do corpo
- 1985** – Variações sobre a vida e a morte
- 1987** – Sobre deuses e caquis
- 1987** – Pai Nosso meditações
- 1990** – Lições de feitiçaria (Título original: “The Poet, the warrior, the prophet”)
- 1990** – Tempus Fugit
- 1994** – Teologia do Cotidiano
- 2002** – Transparências da eternidade
- 2009** – O Deus que conheço
- 2009** – Sobre demônios e pecados
- 2013** – Perguntaram-me se acredito em Deus

ANEXO 2 – SELEÇÃO E TRANSCRIÇÃO DAS CRÔNICAS DA OBRA POR UMA EDUCAÇÃO ROMÂNTICA

Crônicas

GAIOLAS OU ASAS?

Os pensamentos me chegam inesperadamente, na forma de aforismos. Fico feliz porque sei que Lichtenberg, William Blake e Nietzsche frequentemente eram também atacados por eles. Digo “atacados” porque eles surgem repentinamente, sem preparo, com a força de um raio. Aforismos são visões: fazem ver, sem explicar. Pois ontem, de repente, esse aforismo me atacou: “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.”

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. Esse simples aforismo nasceu de um sofrimento: sofri conversando com professoras de ensino médio, em escolas de periferia. O que elas contam são relatos de horror e medo. Balbúrdia, gritaria desrespeito, ofensas, ameaças... E elas, timidamente, pedindo silêncio, tentando fazer as coisas que a burocracia determina que sejam feitas: dar o programa, fazer avaliações... Ouvindo seus relatos, vi uma jaula cheia de tigres famintos, dentes arreganhados, garras à mostra – e as domadoras com seus chicotes, fazendo ameaças fracas demais para a força dos tigres... Sentir alegria ao sair de casa para ir para a escola? Ter prazer em ensinar? Amar os alunos? O seu sonho é livrar-se de tudo aquilo. Mas não podem. A porta de ferro que fecha aos tigres é a mesma porta que as fecha junto com os tigres.

Nos tempos da minha infância, eu tinha um prazer cruel: pegar passarinhos. Fazia minhas próprias arapucas, punha fubá dentro e ficava escondido, esperando... O pobre passarinho vinha, atraído pelo fubá. Ia

comendo, entrava na arapuca, pisava no poleiro – e era uma vez o passarinho voante. Cuidadosamente, eu enfiava a mão na arapuca, pegava o passarinho e o colocava dentro de uma gaiola. O pássaro se lançava furiosamente contra os arames, batia as asas, crispava as garras, enfiava o bico entre os vãos, na inútil tentativa de ganhar de novo o espaço, ficava ensangüentado... Sempre me lembro com tristeza da minha crueldade infantil.

Violento, o pássaro que luta contra os arames da gaiola? Ou violenta será a imóvel gaiola que o prende? Violentos, os adolescentes de periferia? Ou serão as escolas que são violentas? As escolas serão gaiolas?

Alguns me falaram sobre a necessidade das escolas dizendo que os adolescentes de periferia precisam ser educados para melhorar de vida. De acordo. É preciso que os adolescentes, é preciso que todos tenham uma boa educação. Uma boa educação abre caminhos para uma vida melhor.

Mas eu pergunto: Nossas escolas estão dando uma boa educação? O que é uma boa educação?

O que os burocratas pressupõem sem pensar é que os alunos ganham uma boa educação se aprendem os conteúdos dos programas oficiais. E para testar a qualidade da educação se criam mecanismos, provas, avaliações, acrescidos dos novos exames elaborados pelo Ministério da Educação.

Mas será mesmo? Será que a aprendizagem dos programas oficiais se identifica com o ideal de uma boa educação? Você sabe o que é “dígrafo”? E os usos da partícula “se” ? E o nome das enzimas que entram na digestão? E o sujeito da frase “ Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico brado retumbante” ? Qual a utilidade da palavra “mesóclise”? Pobres professoras, também engaioladas... São obrigadas a ensinar o que os programas mandam, sabendo que é inútil. Isso é hábito velho das escolas. Bruno Bettelheim relata sua experiência com as escolas: “Fui forçado(!) a estudar o que os professores haviam decidido que eu deveria aprender – e aprender à sua maneira...”

O sujeito da educação é o corpo porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver. Nietzsche dizia que ela, a inteligência, era “ferramenta” e “brinquedo” do corpo. Nisso se resume o programa educacional do corpo: aprender “ferramentas”, aprender

“brinquedos”. “ferramentas” são conhecimentos que nos permitem resolver os problemas vitais do dia a dia. “Brinquedos” são todas aquelas coisas que, não tendo nenhuma utilidade como ferramentas, dão prazer e alegria à alma. No momento em que escrevo estou ouvindo o coral da Nona Sinfonia. Não é ferramenta. Não serve para nada. Mas enche a minha alma de felicidade. Nessas duas palavras, ferramentas e brinquedos, está o resumo da educação.

Ferramentas e brinquedos não são gaiolas. São asas. Ferramentas me permitem voar pelos caminhos do mundo. Brinquedos me permitem voar pelos caminhos da alma. Quem está aprendendo ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade, não fica violento. Fica alegre, vendo as asas crescerem... Assim, todo professor, ao ensinar, teria que perguntar: “Isso que vou ensinar é ferramenta? É brinquedo?”. Se não for, é melhor deixar de lado.

As estatísticas oficiais anunciam o aumento das escolas e o aumento dos alunos matriculados. Esses dados não me dizem nada. Não me dizem se são gaiolas ou asas. Mas eu sei que há professores que amam o vôo dos seus alunos. Há esperança...

O OLHAR DO PROFESSOR

Walt Whitman conta o que ele sentiu quando, menino, foi para a escola:

Ao começar meus estudos, me agradou tanto o passo inicial, a simples conscientização dos fatos, as formas, o poder do movimento, o mais pequeno inseto ou animal, os sentidos, o dom de ver, o amor – o passo inicial, torno a dizer, me assustou tanto, me agradou tanto, que não foi fácil, para mim, passar e não foi fácil seguir adiante, pois eu teria querido ficar ali flinando o tempo todo, cantando aquilo em cânticos extasiados.

O mundo, para o nenezinho que chupa o seio, é um mundo escuro, sem cores e formas. Os olhas não existem.

Os nenezinhos mamam de olhas fechados e, se por acaso seus olhos se abrem, a gente percebe que eles estão vazios. Não há nada refletindo dentro deles. É só mais tarde que seus olhos se abrem e descobrem o mundo. Aí, tudo é assombro, espanto, encantamento, fantástico, maravilhoso. Alberto Caeiro queria que voltássemos a ver o mundo como as crianças que o estão vendo pela primeira vez.

Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras... sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo... Creio no mundo como um malmequer, porque o vejo. Mas não penso nele, porque pensar é não compreender. O mundo não se faz para pensarmos nele (pensar é estar doente dos olhos) mas para olharmos e estarmos de acordo...

Eu, menino, tinha grande prazer em ver figuras. Naquele tempo, livros de figura não se encontravam prontos, para serem comprados nas livrarias. Na casa do me avô havia um, guardado em um armário enorme. As páginas eram de pano velho – e nelas foram coladas figuras que haviam sido recortadas de revistas. Lembro-me de que eu não me cansava de ver o livro. Eu mesmo fiz um álbum de figuras. Era um caderno grande no qual fui colando figuras de cachorros. Nunca pude ter um. Tinha inveja dos meninos que tinham. Fazendo o álbum de cachorros, realizei, de alguma forma, o meu desejo. Ainda me lembro da minha emoção ao olhar para alguns deles, especialmente aqueles de olhos tristes e pensativos. Na minha memória, o cão de olhos tristes ainda está lá, focinho apoiado, longas orelhas derramadas no chão, seus olhos me olhando sobre uma testa enrugada interrogante. Na figura, a imagem fica eterna. No filme, a figura é efêmera. Não é para ser contemplada. O que importa é a ação. Está sempre à espera. No filme, as imagens não esperam nunca. No filme, o que importa não é a figura, é a ação. Tenho passado longas

horas vendo livros de figuras com crianças – seus olhinhos atentos, encantados pelas imagens.

Nietzsche disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É a primeira tarefa porque é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm que ser educados para que a nossa alegria aumente. Os olhos das crianças não vêm a fim de... seu olhar não tem nenhum objetivo prático. Elas vêm porque é divertido ver.

Já li muitos livros sobre a psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação, didática – mas, por mais que me esforce, não consigo me lembrar de qualquer referencia à educação do olhar, ou à importância do olhar na educação, em qualquer um deles. Acho que a experiência de Walt Whitman teria sido diferente se sua professora tivesse feito pós-graduação em educação.

O que é um olhar? O olhar não se encontra nos olhos. Observação de Sartre: “ O olhar do Outro esconde seus olhos”. Observação de Cecília Meireles: “ O sentido está guardado no rosto com que te miro”. Eu não te miro com os meus olhos. Eu te miro com o meu rosto. Os olhos são peças anatômicas assustadoras em si mesmas. Olhos não tem sentido. Eles nada dizem. Mas o rosto com que te miro guarda um segredo. Não miro com os olhos. Miro com o rosto. É o rosto que desvenda o mistério do olhar. O rosto da mãe revela à criança o segredo do seu olhar. Isso é verdade até para os animais: o olhar de um cão...

Roland Barthes é uma exceção. Ele não tinha medo de pensar seus próprios pensamentos, mesmo que não pudessem ser cientificamente comprovados. Às vezes, a exigência de provas é uma manifestação de burrice. Acho que se ele tivesse que resumir o que pensava sobre educação numa única frase, ele diria: “No princípio é o olhar...” A educação acontece na sutil trama entre os olhares da mãe e do filho. Pois é aí que se revela o desejo.

Vejam esta deliciosa descrição da mãe ensinando o filhinho a andar:

Quando a criança aprende a andar, a mãe não discorre, nem demonstra: ela não ensina a andar, ela não representa (não anda diante da criança): ela sustenta, encoraja, chama (recua e chama): ela incita e cerca: a criança pede a mãe e a mãe deseja o andar da criança.

Van Gogh tem uma delicada tela que representa esta cena: o pai, jardineiro, interrompeu seu trabalho; está ajoelhado no chão, com os braços estendidos para a criança que chega, conduzida pela mãe. O rosto do pai não pode ser visto. Mas é certo que ele está sorrindo. O rosto do pai não pode ser visto. Mas é certo que ele está sorrindo. O rosto-olhar do pai está dizendo para o filhinho: “Eu quero que você ande”. É o desejo de que a criança ande, desejo que assume forma sensível no rosto da mãe ou do pai, que incita a criança no aprendizado dessa coisa que não pode ser ensinada nem por exemplos, nem por palavras.

Os educadores acadêmicos dirão que isso é piegas, romântico-não é científico. É verdade. O que eu disse não pode ser dito cientificamente. Só poeticamente.

Acontece que, como disse Bernardo Soares, o fato é que somos incuravelmente românticos! Assim, sendo a educação uma coisa romântica (não consigo pensar uma criança sem ternura), eu lhe digo: “Professor: trate de prestar atenção no seu olhar. Ele é mais importante que seus planos de aula. O olhar tem o poder para despertar e para intimidar a inteligência. O olhar é um poder bruxo!”.

Sartre concorda comigo: “De repente ouço passos no corredor. Alguém está olhando para mim. Significa que eu, repentinamente, sou afetado no meu ser, que modificações essenciais aparecem na minha estrutura...”. Ele não vê o rosto. Os passos o informam de que há olhos que o observam. Ele perde a sua naturalidade. Os olhos que ele não vê mas que – ele sabe sem ver – estão olhando para ele provocam alterações no seu corpo.

O seu olhar, professor, produz alterações no corpo da criança. A Adélia Prado, brincando, disse a mesma coisa: “ O meu lábio zombeteiro faz a lança dele refluir”. Lança? Símbolo fálico. A lança não deixa de existir. Mas o lábio zombeteiro que revela o mistério do rosto-olhar a altera. A lança, humilhada, esconde-se, foge, torna-se incapaz do ato do amor. Lança? Já sugeri a relação metafórica entre a lança fálica e a inteligência. Como a lança fálica, a inteligência ou se alonga e se levanta confiante para o ato de conhecer (lembre-se de que, na Bíblia, quando se quer dizer “fazer amor” se diz “conhecer”...), ou se encolhe, flácida e impotente. O olhar do professor tem poderes semelhantes. É um poder bruxo. O olhar de um professor tem o poder

de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar. Ela continua lá, mas se recusa a sair para a aventura de aprender.

A criança de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido. Ela não aprende. Os psicólogos se apressam em diagnosticar alguma perturbação cognitiva. Chamam os pais. Aconselham-nos a enviá-la para a terapia. Pode até ser. Mas uma outra hipótese tem que ser levantada: que a inteligência dessa criança que parece incapaz de aprender tenha sido enfeitiçada pelo olhar do professor.

Por isso lhe digo, professor: cuide de seus olhos...

O CANTO DO GALO

Meu pensamento é um devorador de imagens. Quando uma boa imagem me parece, eu rio de felicidade e o meu pensador se põe a brincar com ela como um menino brinca com uma bola. Se me disserem que esse hábito intelectual não é próprio de um filósofo, que filósofos devem se manter dentro dos limites de uma dieta austera de conceitos puros e sem temperos, invocarei em minha defesa Albert Camus, que dizia que “só se pensa através de imagens”.

Amo as imagens mas elas me amedrontam. Imagens são entidades incontroláveis que frequentemente produzem associações que o autor não autorizou. Os conceitos, ao contrário, são bem comportados, pássaros engaiolados. As imagens são pássaros em vôo... Daí o seu fascínio e o seu perigo.

Mas eu não consigo resistir à tentação. Assim, vai uma parábola que me apareceu, com todos os riscos que ela implica:

Era uma vez um granjeiro que criava galinhas. Era um granjeiro incomum, intelectual e progressista. Estudou administração para que sua granja funcionasse cientificamente. Não satisfeito, fez um doutorado em criação de galinhas. No curso de administração aprendeu que, num negócio, o essencial é a produtividade. O improdutivo dá prejuízo; deve, portanto, ser eliminado.

Aplicado à criação de galinhas, esse princípio se traduz assim: galinha que não bota ovo não vale a ração que come. Não pode ocupar espaço no galinheiro. Deve, portanto, ser transformada em cubinhos de caldo de galinha.

Com o propósito de garantir a qualidade total de sua granja, o granjeiro estabeleceu um rigoroso sistema de controle da produtividade das suas galinhas. Produtividade de galinhas é um conceito matemático que se obtém dividindo-se o número de ovos botados pela unidade de tempo escolhida. Galinhas cujo índice de produtividade fossem iguais ou superiores a 250 ovos por ano podiam continuar a viver na granja como galinhas poedeiras. O granjeiro estabeleceu, inclusive, um sistema de “mérito galináceo”: as galinhas que botavam mais ovos recebiam mais ração. As galinhas que botavam menos ovos recebiam menos ração. As galinhas cujo índice de produtividade fosse igual ou inferior a 249 ovos por ano não tinham mérito algum e eram transformadas em cubinhos de caldo de galinha.

Acontece que conviviam, com as galinhas poedeiras, galináceos peculiares que se caracterizavam por um hábito curioso. A intervalos regulares e sem razão aparente, eles esticavam os pescoços, abriam os bicos e emitiam um ruído estridente e, ato contínuo, subiam nas costas das galinhas, seguravam-nas pelas cristas com o bico, e obrigavam-nas a se agachar. Consultados

os relatórios de produtividade, verificou o granjeiro que isso era tudo o que os galos— esse era o nome daquelas aves – faziam. Ovos, mesmo, nunca, jamais, em toda a história da granja, qualquer deles havia botado. Lembrou-se o granjeiro, então, das lições que aprendera na escola, e ordenou que todos os galos fossem transformados em cubos de caldo de galinha.

As galinhas continuaram a botar ovos como sempre haviam botado: os números escritos nos relatórios não deixavam margens a dúvidas. Mas uma coisa estranha começou a acontecer. Antes, os ovos eram colocados em chocadeiras e, ao final de 21 dias, não quebravam. Ficavam lá, inertes. Deles não saíam pintinhos. E se ali continuassem por muito tempo, estouravam e de dentro deles o que saía era um cheiro de podre. Coisa morta.

Aí o granjeiro científico aprendeu duas coisas:

Primeiro: o que importa não é a quantidade dos ovos; o que importa é o que vai dentro deles. A forma dos ovos é enganosa. Muitos ovos lisinhos por fora são podres por dentro.

Segundo: há coisas de valor superior aos ovos, que não podem ser medidas por meio de números. Coisas sem as quais os ovos são coisas mortas.

Essa parábola é sobre a universidade. As galinhas poedeiras são os docentes. Corrijo-me: docente não. Porque docente quer dizer “aquele que ensina”. Mas o ensino é, precisamente, uma atividade que não pode ser traduzida em ovos; não pode ser expressa em termos numéricos. A designação correta é pesquisadores, isto é, aqueles que produzem artigos e os publicam em revistas internacionais indexadas. Artigos, como os ovos, podem ser contados e computados nas colunas certas dos relatórios. As revistas internacionais indexadas são os ninhos acreditados. Não basta botar ovos. É preciso botá-los nos ninhos acreditados. Não basta botar ovos. É preciso botá-los nos ninhos acreditados. São os ninhos internacionais, em língua estrangeira, que dão aos ovos a sua dignidade e o seu valor. A comunidade dos produtos de artigos científicos não fala português. Fala inglês.

O resultado da pressão *publish or perish*, bote ovos ou sua cabeça será cortada: a docência termina por perder o sentido. Quem, numa universidade, só ensina, não vale nada. Os alunos passam a ser trambolhos para os pesquisadores: estes, em vez de se dedicarem à tarefa institucionalmente significativa de botar ovos, são obrigados pela presença de alunos a gastar o seu tempo numa tarefa irrelevante: ensino não pode ser quantificado (quem disser que o ensino se mede pelo número de horas-aula é um idiota).

O que está em jogo é uma questão de valores, uma decisão sobre as prioridades que devem ordenar a vida universitária: se a primeira prioridade é

desenvolver, nos jovens, a capacidade de pensar, ou se é produzir artigos para atender à exigência da comunidade científica internacional de *publish or perish*.

Eu acho que o objetivo das escolas e universidades é contribuir para o bem-estar do povo. Por isso, sua tarefa mais importante é desenvolver, os cidadãos, a capacidade de pensar. Por que é com o pensamento que se faz um povo. Mas isso não pode ser quantificado como se quantificam ovos botados. Sugiro que as nossas universidades, ao avaliarem a produtividade dos que trabalham nela, deem mais atenção ao canto do galo...

UM DISCRETO BATER DE ASAS DE ANJO

O Victor é um adolescente. Arranjou um emprego no McDonald's. no McDonald's trabalham adolescentes. Antes de iniciar o trabalho, eles são treinados. São treinados, primeiro, a cuidar do espaço em que trabalham: a ordem, a limpeza, os materiais – guardanapos, canudinhos, temperos, bandejas. É preciso não desperdiçar. Depois, são treinados a lidar com os clientes. Delicadeza. Atenção. Simpatia. Sorrisos. Boa vontade. Clientes não devem ser contrariados. Tem que se sentir em casa. Tem que sair satisfeitos. Se saírem contrariados, não voltarão. O Victor aprendeu bem as lições: começou o seu trabalho. Mas logo descobriu uma coisa que não estava de acordo com o aprendido: os adolescentes, fregueses, não cuidavam das coisas como eles, empregados, cuidavam. Tiravam punhados de canudinhos para brincar. Usavam mais guardanapos do que necessário. Punham as bandejas dentro do lixo. Aí o Victor não conseguiu se comportar de acordo com as regras. Se ele e os seus colegas de trabalho obedeciam às regras, por que os clientes não deveriam obedecê-las? Por que sorrir e ser delicado com fregueses que não respeitavam as regras de educação e civilidade? E ficou claro para todo mundo, colegas e clientes, que o Victor não estava seguindo as lições... O chefe chamou o Victor. Lembrou-lhe o que havia sido ensinado. O Victor não cedeu. Argumentou. Disse de forma clara o que estava sentindo. O que ele desejava era coerência. Aquela condescendência sorridente era um má política educativa. Era injustiça. Os seus colegas de trabalho sentiam e pensavam o mesmo que ele. Mas eram flexíveis... Não reclamavam. Engoliam o comportamento não educado dos clientes-adolescentes com o sorriso prescrito. E o chefe, sorrindo, acabou por dar razão ao Victor. Qual a diferença que havia entre o Victor e os seus colegas? O Victor tem síndrome de Down.

O Edmar é um adolescente. Calado. Quase não fala. Arranjou um emprego como lavador de automóveis num lava-rápido. Emprego bom para ele porque não é necessário falar enquanto se lava um carro. Mas, de repente, sem nenhuma explicação, o Edmar passou a se recusar a trabalhar. Ficava quieto num canto sem dar explicações. O Edmar, como o Victor, tem síndrome de Down. A “Fundação Síndrome de Down”, que havia arranjado o emprego para o Edmar, foi informada do que estava acontecendo. Que tristeza! Um bom

emprego – e parece que o Edmar ia jogar tudo fora. O caminho mais fácil seria simplesmente dizer: “Pena. Fracassamos. Não deu certo. Pessoas com Síndrome de Down são assim...”. Mas a equipe encarregada da inclusão não aceitou essa solução. Tinha que haver uma razão para o estranho comportamento do Edmar. E como ele é calado e não explica as razões do que faz, uma das pessoas da equipe se empregou como lavadora de carros, no lava-rápido onde o Edmar trabalhava. E foi lá, ao lado do Edmar, que ela descobriu o nó da questão: o Edmar odiava o “pretinho” – aquele líquido que é usado nos pneus. Odiava porque o tal líquido grudava na mão, não havia jeito de lavar, e mão ficava preta e feia. Todos os outros lavadores – sem síndrome de Down – sentiam o mesmo que Edmar sentia – também eles não gostavam de ver suas mãos pretas e sujas. Não gostavam mas não reclamavam. A solução? Despedir o Edmar? De jeito nenhum! A “lavadora” pôs-se a campo, numa pesquisa: haverá um outro líquido que produza o mesmo resultado nos pneus e que não seja preto? Descobriu. Havia. E assim o Edmar voltou a realizar alegremente o seu trabalho com as mãos brancas. E, graças a ele, e ao trabalho da “lavadora”, todos os outros puderam ter mãos limpas ao fim do dia de trabalho.

Essa é uma surpreendente característica daqueles que têm síndrome de Down: não aceitam aquilo que contraria o seu desejo e suas convicções. O Victor desejava coerência. Não iria engolir o comportamento não civilizado de ninguém. O Edmar queria ter suas mãos limpas. Não iria fazer uma coisa que sujasse suas mãos. Quem tem síndrome de Down não consegue ser desonesto. Não consegue mentir. E é por isso que os adultos se sentam embaraçados pelo seu comportamento. Porque os adultos sabem fazer o jogo da mentira e do fingimento. Um adulto recebe um presente de aniversário que julga feio. Aí, com o presente feio nas mãos, ele olha para o presenteador e diz, sorridente: “Mas que lindo!”. Quem me contou foi o Elba Mantivanelli: ele deu um presente para a Andréa. Mas aquele presente não era o que ela queria! Ela não fingiu nem se atrapalhou. Só disse, com um sorriso: “Vou dar o seu presente para Fulano. Ele vai gostar...”.

As crianças normais, na escola, aprendem que elas tem que engolir jilós, mandioca crua e pedaços de nabo: coisas que não fazem sentido. Aprendem o que é “dígrafo”, “próclise”, “ênclise”, “mesóclise”, os “usos da partícula se” ...

Você ainda se lembra? Esqueceu? Mas teve de estudar e responder certo na prova. Esqueceu por quê? Porque não fazia sentido.

Fazer sentido: o que é isso? É simples. O corpo – sábio – carrega duas caixas na inteligência: a caixa de ferramentas e a caixa de brinquedos. Na caixa de ferramentas estão coisas que podem ser usadas. Não todas, evidentemente. Caso contrário a caixa teria o tamanho de um estádio de futebol. Seria pesada demais para ser carregada. Se vou cozinhar, na minha caixa de ferramentas deverão estar coisas necessárias para cozinhar. Mas não precisarei de machados e guindastes. Na outra caixa, de brinquedos, estão todas as coisas que dão prazer: pipas, flautas, estórias, piadas, jogos, brincadeiras, beijos, caquis... Se a coisa ensinada nem é ferramenta nem é brinquedo, o corpo diz que não serve para nada. Não aprende. Esquece. As crianças “normais”, havendo compreendido que os professores e diretores são mais fortes que elas, por terem o poder de reprovar, submetem-se. Engolem os jilós, as mandiocas cruas e os pedaços de nabo, porque terão que devolvê-los nas provas. Mas logo os vomitam pelo esquecimento. Não foi assim que aconteceu conosco? As crianças e os adolescentes com síndrome de Down simplesmente se recusam a aprender. Elas só aprendem aquilo que é expressão do seu desejo. Entrei numa sala, na “Fundação Síndrome de Down”. Todos estavam concentradíssimos equacionando os elementos necessários para a produção de um cachorro-quente. Certamente estavam planejando alguma festa... Numa folha estavam listados: salsicha, pão, vinagre, mostarda... Entrei no jogo. “Esse cachorro-quente de vocês não é de nada. Está faltando a coisa mais importante!”. Eles me olharam espantados. Teriam se esquecido de algo? Seu cachorro-quente estaria incompleto? Acrescentei: “Falta pimenta!”. Aí seus rostos se abriram num sorriso triunfante. Viraram a folha e me mostraram o que estava escrito na segunda folha: “pimenta”.

Aí, vocês adultos vão dizer: “Que coisa mais boba estudar um cachorro-quente!”. Respondo que bobo mesmo é estudar dígrafo, usos da partícula *se*, os afluentes da margem esquerda do Amazonas e assistir ao “Show do Milhão”. Um cachorro-quente, um prato de comida, uma sopa: que maravilhosos objetos de estudo. Já pensaram que num cachorro-quente se encontra todo o mundo? Querem que eu explique? Não explicarei. Vocês, que se dizem normais e inteligentes, que tratem de pensar e concluir.

A sabedoria das crianças e dos adolescentes com síndrome de Down diz: “Dignas de serem sabidas são aquelas coisas que fazem sentido, que têm a ver com a minha vida e os meus desejos!”. Mas isso é sabedoria para todo mundo, sabedoria fundamental que se encontra nas crianças e que vai sendo progressivamente perdida à medida que crescemos.

E há o caso delicioso do Nilson, que foi eleito “funcionário do mês” no McDonald’s. e não o foi por condescendência, colher de chá... Foi por mérito. O Nilson é um elemento conciliador, amigo, que espalha amizade por onde quer que ande... Todos gostam dele e o querem como companheiro.

É preciso devolver as pessoas com síndrome de Down à vida comum de todos nós. Nós todos habitamos um mesmo mundo. Somos companheiros. É estúpido e injusto segregá-las em espaços e situações fechados. Claro que vocês já lerem a estória da Cinderela – também conhecida como “Gata Borralheira”. Sua madrasta a havia segregado no “borralho”. Não podia freqüentar a sala. Todas as estórias são as respostas a situações reais. Pois eu acho que, na vida real, a “Gata Borralheira” era uma adolescente com síndrome de Down de quem mãe e irmãs se envergonhavam. Mas a estória dá uma reviravolta e mostra que ela tinha uma beleza que a madrasta e as irmãs não possuíam. E eu sugiro que sua beleza está nessa inteligência infantil, absolutamente honesta, absolutamente comprometida com o desejo que nós, adultos, perdemos ao nos submetermos ao jogo das hipocrisias sociais.

Quem quiser saber mais poderá visitar a “Fundação Síndrome de Down”, em Barão Geraldo. É uma instituição maravilhosa! E digo que me comovi ao observar o carinho, a inteligência e a persistência daqueles que lá trabalham. E andando pelos seus corredores e salas, de repente senti que havia lágrimas nos meus olhos: lembrei-me do Guido Ivan de Carvalho, que foi um dos seus idealizadores e construtores, juntamente com a Lenir, sua esposa. O Guido não está mais lá. Ficou encantado... Sugeri à Lenir que plantasse, para o Guido, uma árvore, no jardim da Fundação. Se vocês não sabem, na estória original da Cinderela não havia Fada-Madrinha. Quem protegia Cinderela era a sua mãe morta, que continuava a viver sob a forma de uma árvore...

Pensando naquelas crianças e naqueles adolescentes lembrei-me de uma afirmação do apóstolo Paulo: “Deus escolheu as coisas tolas deste mundo para confundir os sábios – porque a loucura de Deus é mais sábia que a

sabedoria dos homens...”. quem sabe será possível ouvir, naqueles rostos sorridentes, um discreto bater de asas de anjos?

Quando estive em Portugal, no ano passado, descobri, na Vila das Aves, a Escola da Ponte. contei sobre ela no livro *A escola com que sonhei sem imaginar que pudesse existir*, publicado pela Papyrus. Pois uma das coisas que me surpreenderam naquela escola foi ver crianças com síndrome de Down integradas com as outras crianças: eram suas companheiras, iguais a elas, sem que ninguém as tratasse como casos especiais. Retornei à Escola da Ponte, faz uns meses, com um grupo de educadores brasileiros. E eu andava distraído pelo jardim da escola quando ouvi um grito: “Rubem”. Era o André, um deles... Maior e mais forte do que eu, correu para mim e me deu um abraço que me levantou do chão... O André se especializou em computadores e criou uma *homepage* por meio da qual se comunica com o mundo! Pois o professor José Pacheco, homem de fala mansa, que não gosta de ser chamado de “diretor” da Escola da Ponte, está chegando a Campinas, a convite da “Fundação Síndrome de Down”. Tem tudo a ver! O que é bom para as crianças ditas “normais” é bom para as crianças com síndrome de Down!